

PORTUGAL democrático

NESTE NÚMERO:

- * Contando coisas... — Pág. 8
- * Dificuldade de diálogo — Pág. 5
- * Salazar e o New York Times — Pág. 6
- * Jornais Portugueses que envergonham Portugal — Pág. 7

ANO II — N.º 16

SÃO PAULO, AGOSTO-SETEMBRO DE 1958

Cr\$ 3,00

Não fomos nós, foi êle...

Por Santana Mota

Para que se não diga haver da nossa parte o inveterado e sistemático propósito de negar ou denegrir as virtudes dos homens que compõem o Estado Corporativo português, propomo-nos desta feita a felicitar o novo presidente por determinada parte do seu discurso. Não o felicitamos por toda a peça; há nela trechos em que s. exa. foi excessivamente exigente ou excessivamente infeliz. Exigente, por exemplo, quando, logo de entrada, nos diz que o juramento que acabara de prestar lhe impunha "uma tarefa profundamente pesada e difícil, que não poderá ser realizada sem o auxílio indispensável dos portugueses e sem uma evolução favorável dos acontecimentos mundiais".

Isto, há-de s. exa. concordar, é pedir muito. Tantas circunstâncias precisam de concorrer para que s. exa. faça alguma coisa, que já de aqui temos que venha a fazer coisa nenhuma. Porque o auxílio dos portugueses, êsse, quer eles queiram quer não queiram, têm de o prestar à força. Mas que o sr. Américo Tomás, ainda por cima, exija que os acontecimentos mundiais lhe caminhem ao jeito, lá nos parece demais. O mundo, como s. exa. terá ouvido falar, enveredou, desde 1945, por caminhos diametralmente opostos àquela em que Portugal se mantém. Seja qual for a evolução que o mundo tome, não cremos que de algum modo seja favorável à tarefa que s. exa. pensa realizar.

O trecho em que s. exa., a nosso ver, foi infeliz é aquele em que se permitiu falar da situação internacional. Se houvessemos merecido a honra de assessorar s. exa., te-lo-íamos aconselhado a não tocar nesse capítulo ou a incumbir da redação do discurso pessoa mais informada e capaz. De uma ou de outra forma, s. exa. ter-se-ia poupado ao primarismo dos conceitos que emitiu, para galhofa do corpo diplomático.

Mas deixemos isso de parte e vamos ao ponto que efetivamente merece os parabéns da oposição. Diz s. exa., referindo-se à obra imensa que tem pela sua frente:

"Entre os problemas mais urgentes e que ainda não foram realizados, figura em primeiro lugar a realização de um plano para melhorar a vida dos menos favorecidos pela fortuna, os problemas das moradias, da saúde e da educação, que serão objeto de cuidados os mais atentos".

Caberia aludir aqui, se estivessemos em maré de "dizer mal", à indignidade de estilo em que está vazado este período. Mas como a indignidade pode ser da agência que o transmitiu e não do orador, passemos-lo em julgado. Vamos antes à substância do verbo.

Com que então, sr. presidente, depois de 32 anos de uma "obra colossal", decantada em tantos jornais do mundo e a tantos escudos a linha, ainda há por melhorar a vida dos menos favorecidos e resolver os problemas de moradia, de educação e de saúde? Mas o que é que esse governo tem feito, não fará s. exa. o favor de nos dizer? E está s. exa. certo de que o seu discurso tenha passado pela Comissão de Censura? Não lhe virá trazer aborrecimentos uma afirmação tão arrojada? Fique s. exa. sabendo que, por coisas de menor monta, têm ido parar alguns ao Tarrafal.

Aquilo que s. exa. diz não é novidade nenhuma. A novidade é ser dito por um presidente da República, quando nunca o vimos escrito num só jornal português. E sempre que o proclamamos aqui, longe da "rolha", contestavam imediatamente de lá que era mentira. Como se concebe que s. exa. venha agora dar razão aos energúmenos que andam cá por fora a "enxovalhar Portugal"!

Em todo o caso, felicitamo-lo

pela franqueza. Já agora, ninguém mais tem o direito de duvidar daquilo que temos afirmado várias vezes: entre os problemas mais urgentes que ainda não foram resolvidos pelo governo estão em primeiro lugar a melhoria de vida dos menos favorecidos e os problemas das moradias, da saúde e da educação. Atendem bem os srs. comandadores que não somos nós que o dizemos. É s. exa. o novo presidente da República Portuguesa, a quem os srs. comandadores renderam o seu preito de vassalagem por intermédio da luzida e anafada comissão que os representou no ato soleníssimo da posse. S. exa. é que nos diz — na presença do sr. Oliveira Salazar, que o não desmentiu e do presidente e todos os membros da Assembleia Nacional e Câmara Corporativa — que ainda não foi melhorada a vida das classes desfavorecidas, nem resolvidos os problemas das suas moradias, educação e saúde. Parece-nos que, depois disto, os srs. comandadores não poderão apodar-nos de portu-

gueses maus quando afirmamos que, em 32 anos de poder, com arreata e porrete na mão, esse governo que lá está, chefiado pelo homem que os srs. comandadores "acompanham com verdadeira fé" e que, na opinião de s. sas., ou de s. exas., "há-de elevar cada vez mais o nome de Portugal, para glória da raça", esse governo, dizemos, tem mantido o povo português na ignorância e na miséria. Tenham paciência, mas não podem. Ou então têm de incluir no número dos "maus portugueses" o presidente Américo Tomás, que afirma por outras palavras exatamente o que afirmamos, além do sr. Oliveira Salazar, que o ouviu e calou — portanto, consentiu — e os nobres representantes da Assembleia e da Câmara Corporativa. Entre eles e nós, há apenas uma diferença: nós dizemos essas coisas absolutamente de graça, sem cobrar um centil pela informação; eles recebem pelo pagamento, portanto da algibeira do povo, a paga da confissão daquilo que não fizeram.

Carta aberta ao exército português

Por João Sarmiento Pimentel

Não era necessário invocar uma fôlha de serviços que, como a de tantos outros camaradas do meu tempo, poderia ser exemplo daqueles que seguem a carreira das armas. Mais e melhor havia sido a de muitos portugueses que o governo de Salazar demitiu de seus altos cargos e expulsou do país, sem a mínima consideração pelo que contribuíram para o prestígio da grei e bom nome de Portugal. Bem sabeis que grandes cientistas, professores ilustres, íntegros magistrados, artistas célebres, militares que na guerra obtiveram as mais altas condecorações nacionais e estrangeiras, homens empreendedores do comércio, da indústria, da lavoura, artesãos ou humildes operários, que se irmanaram na repulsa à tirania, todos êles sofreram perseguições cruéis, prisão por tempo indeterminado, castigos bárbaros, exílio sem fim. Eu posso considerar-me dos mais protegidos, pois só estive 23 anos expulso do exército e proibido de regressar a Portugal, conseguindo, pelo meu trabalho e esforço, libertar-me da mísera situação de viver dos amigos, isto é, pude refazer o meu lar e readquirir aquele nível de vida que perdi em 1927.

Ainda que emigrado político, não deixei de prestar o meu concurso para o bom nome e prestígio de Portugal, tendo assim recebido em 1940 a honra de ser indicado pelos meus patrícios residentes no Brasil como um dos poucos portugueses aos quais o Governo devia testemunho de pública gratidão.

Beiro os 70 anos sem dever a ninguém mais que consideração e amizade que a minha atitude e espírito de independência conquistaram. O mesmo procedimento me norteou quando era moço — aluno da Escola de Guerra, entrei na revolução de 5 de Outubro de 1910. De 1914 a 1918 combati na África e na Flandres, não sendo vaidade nenhuma afirmar que as Ordens do Exército trazem o meu nome junto ao daqueles que por valor militar, valor, lealdade e mérito foram distinguidos por seus feitos pessoais.

Da política nunca recebi qualquer cargo ou favor, e nada aceitei até hoje, a não ser uma espada de honra que os habitantes da heróica cidade do Porto me ofereceram por ocasião da revolução de 13 de Fevereiro de 1919.

Fora dos partidos políticos, mas fazendo parte do grupo da "Seara

Nova" pugnei pelo acerto de medidas de ordem social, econômica, de instrução, que melhorassem as precárias condições de vida do povo.

Implantada a ditadura em Portugal, aderi à revolução de 1927, sem levar em conta a posição de destaque que usufruía na Indústria, nem que tinha mulher e quatro filhos pequenitos vivendo do meu trabalho, mas certo de que, pela liberdade e pela República, um cidadão honrado e português de lei tudo deve sacrificar.

Este bosquejo biográfico tornava-se necessário, pois que me dirijo aos militares de hoje, homens nascidos e criados durante o tempo em que tomou o governo o Dr. Salazar, os quais nunca ouviram falar de mim, nem sabem donde venho e porque lhes escrevo esta carta.

E' do conhecimento de todos os portugueses, e do mundo inteiro, que Salazar, convencido de que o povo o apoiava, à sua permanência à frente dos destinos da nação, deu a estas últimas eleições presidenciais um carácter plebiscitário.

Mas com grande surpresa do ditador e seus comparsas, apareceu-lhe pela frente uma oposição coligada de todas as correntes políticas que há em Portugal, incluindo elementos de reconhecido prestígio eleitoral que ele supunha seus correligionários e o haviam apoiado anteriormente, e outros homens influentes que, por uma prometida herança, seriam seus naturais aliados.

Certificado de que ia perder, e já sem tempo de voltar atrás, deu ordem à Polícia, Guarda Republicana, Legião, Exército, para que as eleições fossem ganhas pelo seu candidato, mesmo matando e roubando.

Mas nem o roubo descarado, nem as mortes do povo indefeso, conseguiram sustar a onda de revolta e de protestos que existe no coração e no espírito da grande maioria dos portugueses.

E se até aqui havia em Portugal e nas Colônias uma usurpação de liberdade e direitos aparentemente consentida, hoje é necessária uma ostensiva ocupação armada com a força dos tanques e das metralhadoras para manter o povo em fingido respeito, igual àquela que existe nos satélites da Rússia. As prisões de pessoas da oposição que mais se salientaram durante o período eleitoral nada obs-

Continua na pág. 7

Os Comendadores e o General

Vibraram os democratas portugueses do Brasil com a notícia, transmitida de Lisboa pelas agências telegráficas e reproduzida pelos principais jornais brasileiros, da aceitação, por part. do General Humberto Delgado, do convite que lhe fora formulado pelo Centro Republicano Português, para pronunciar uma série de conferências no Brasil, por ocasião das comemorações do 5 de Outubro.

O júbilo da parte sã da nossa colônia é duplamente justificado: primeiro, porque os portugueses do Brasil terão agora ocasião de entrar em contacto directo com o homem que conseguiu galvanizar a opinião portuguesa nas últimas eleições e tirá-la do torpor em que trinta anos de fascismo a tinham mergulhado: depois — e talvez seja essa a principal razão — porque êste gesto de Delgado, aceitando prontamente o convite do C.R.P. veio mostrar que o General continua representando activamente as forças democráticas unidas e que a oposição ao salazarismo dispõe presentemente da arma que durante tanto tempo lhe faltou: a direcção de uma figura de prestígio, de um homem sem partido, disposto a empenhar-se unicamente na luta de morte contra o fascismo português.

Está, pois, de parabéns a nossa colônia democrática. Entretanto, não devemos esquecer que também há, por estas bandas, gente triste com a notícia. Os tais comendadores que, arvorando-se em representantes dos portugueses do Brasil gastaram o seu dinheiro (e talvez o dos outros) para se deslocarem a Portugal, onde apresentaram ao candidato de Salazar uma mensagem de fidelidade, baixa e rasteira, devem considerar agora, com melancolia, que deram um passo errado, pois a visita do General ao Brasil irá provar a toda a gente de que lado bate o coração da colônia.

Como evitar que os factos mostrem, de forma iniludível, o que todos já sabem, mas não podem provar? Vão suceder-se, estamos certos, as diligências dos senhores comendadores, sempre em tão boas relações com a Polícia Política de Salazar, para que as autoridades do Estado Novo proibam a saída de Humberto Delgado. Esta solução seria a mais simples — aconselhará a mentalidade tacanha dessa gente das comendas. Entretanto, os dirigentes da PIDE, cruéis e brutais, não são de todo estúpidos. E negar permissão para a viagem do General Delgado seria um erro político de incalculáveis consequências, que só as vistas curtas dos nossos comendadores não alcançam.

Então, como descalçar esta bota? perguntam à sua consciência os inefáveis "procuradores" da colônia lusitana no Brasil. Pobres comendadores! Quem diria que a vossa posição nos últimos trinta anos, sempre tão fácil, tão cômoda e tão "corajosa", vos provocaria um dia engulhos de consciência... Para que havia de surgir, naquele remanso triste, naquele pantano que era a vida política portuguesa, um homem de brío que, armado apenas da coragem das próprias convicções, veio destruir a paz que reinava na vossa alma rançosa?



As comemorações do "5 de Outubro" em São Paulo

Os democratas portugueses residentes em São Paulo quiseram assinalar com todo o relevo a passagem do próximo aniversário da implantação da República em Portugal, pretendendo, assim assinalar o princípio do fim da ditadura salazarista que, desde a última campanha eleitoral, vem sofrendo os rudes golpes que não devem tardar a derrubá-la. Embora continuemos a ignorar se o General Humberto Delgado estará, ou não, em São Paulo, no dia 5 de outubro próximo, subsiste, no entanto, o propósito de dar à data entre todas festiva para os democratas portugueses um brilho excepcional, e nesse sentido estão trabalhando já muitos dos nossos amigos. O programa das comemorações ainda não se encontra elaborado em todos os seus pormenores, mas tudo faz prever que venha a reunir grande número de portugueses e até de brasileiros que amam Portugal. No próximo número de "Portugal Democrático", publicaremos o programa completo das manifestações.

Entretanto, desde já pedimos a todos os portugueses que vivam no Brasil e bem assim a todos os brasileiros que lutam conosco na batalha para a libertação de Portugal, que se dirijam ao "Centro Republicano Português", ao "Portugal Democrático" e a todas as pessoas que fazem parte de ambas as organizações, a fim de todos colaborarmos na preparação das festivas comemorações. Queremos acima de tudo, que o "5 de Outubro" reúna o maior número possível dos portugueses que, sob a bandeira da República e da Democracia, vêm lutando pelo fim, que já se vislumbra breve, de Sala-

zar, da sua PIDE, da sua "União Nacional", da sua "Censura" e de todos os organismos que criou e desenvolveu para que o Povo Português continuasse amordaçado e submetido à litadura fascista. Que todos, pois, ofereçam a sua adesão efectiva e entusiástica à grande Festa da Pátria que se aproxima!

Craveiro Lopes

Craveiro Lopes assistiu a uma das últimas corridas de touros no Campo Pequeno. O público presente ao que informam as agências, tributo-lhe uma extraordinária ovação. Craveiro Lopes, num país onde os próprios símbolos escasseiam (são todos presos ou "desaparecem") transformou-se com o seu afastamento do "quadro salazarista" num homem olhado com simpatia pelo povo. Para nós, no entanto, S. Excia. atrazou-se. A hora em que poderia ter demonstrado uma coragem merecedora da gratidão dos democratas passou. Agora, a nosso ver, — demasiado tarde. Milhares de prisioneiros espancados, quando não feridos, sofrem nas prisões do Estado Novo, para não falarmos já naqueles que foram mortos, ao tentarem, indefesos, clamar contra a oligarquia. Tudo isto quando Craveiro Lopes ainda era Presidente da República. Os portugueses que o aclamaram, talvez não o saibam tal a censura férrea à Imprensa, à Rádio e à Televisão. Nós sabemos e não perdoamos.

Depuração no proprio seio da ditadura portuguesa

MIGUEL URBANO RODRIGUES

A remodelação ministerial portuguesa, que vinha sendo anunciada há várias semanas, realizou-se dois dias após a posse do almirante Americo Tomás, novo chefe do Estado Corporativo do sr. Oliveira Salazar. Na realidade, o novo gabinete fóra escolhido com larga antecedência, mas como havia todo o interesse em alcançar o maximo efeito de surpresa junto da opinião, manteve-se rigoroso sigilo até ao ultimo instante, pois era necessário esperar pela formalidade da demissão simbolica do "homem forte", imediatamente encarregado de constituir novo ministerio pelo presidente empossado.

E cedo para se tirarem conclusões definitivas desta remodelação que se pode, com toda a propriedade, classificar de sansacional. Não obstante o mal-estar profundo que todos sabiam existir nos meios officiais e das lutas intestinas que dividiam entre si os varios grupos, ninguém admitia a possibilidade de uma tão drastica depuração no proprio seio do regime. O golpe de teatro que acaba de se processar nos bastidores do salazarismo difficilmente encontra paralelo em movimentos semelhantes registrados em países europeus submetidos a totalitarismos da esquerda ou da direita.

A União Sovietica habituou-nos já a expurgos espetaculosos que abrangem as figuras de topo da hierarquia do Presidium. Homens como Malenkov, Molotov, Chepilov, Zhukov não foram poupados pelo rolo compressor quando se afastaram da rigida linha imposta pelo sr. Kruchev. Mas nunca, em tais circunstancias, aqueles que os substituíram deixaram de ser personalidades de toda a confiança do Partido. Ora, o que se passou em Portugal tem todo o aspecto de um verdadeiro corte com as raizes do movimento que levou ao poder o sr. O. Salazar, transformando-o em ditador vitalicio. Não se assistiu, desta vez, a uma remodelação familiar, caracterizada pela permanencia nas respectivas pastas da maioria dos ministros que as vinham sobraçando há cinco, dez ou mais anos, com breves interrupções. Do gabinete anterior, apenas ficaram quatro ministros. Três deles são apolíticos e o quarto, o sr. Viegas de Macedo, é um teorico do corporativismo que, em varias oportunidades, assumiu perante as classes trabalhadoras atitudes e compromissos (não cumpridos) que o tornaram profundamente suspeito aos olhos da oligarquia. Deixam de fazer parte do governo homens como os srs. Marcelo Caetano, Santos Costa, Trigo de Negreiros e Paulo Cunha. O primeiro era considerado como o delfim do regime. Pertencera a varios gabinetes e o "homem forte" chamara-o há três anos para lhe confiar o Ministerio da Presidencia, numa clara indicação de que o escolhera para seu herdeiro. O sr. Santos Costa conseguiu, como ministro da Defesa, ser detido simultaneamente pelo povo e pelas Forças Armadas. Ninguém, a não ser o proprio presidente do Conselho, foi alvo de ataques durante a recente "campanha eleitoral". O sr. Paulo Cunha, que nunca alinhara entre os fanaticos do sistema, contribuiu poderosamente, mercê de uma politica habilidosa e inteligente, para eriar no plano internacional um ambiente favoravel ao regime. O sr. Trigo de Negreiros era o homem que controlava, como ministro do Interior, o aparelho policial do Estado Novo e a sua maquina de repressão. Nenhum outro membro do gabinete se mostrava tão exaltado na defesa dos mitos do Corporativismo, ninguém, como ele, parecia tão sinceramente persuadido da genialidade do chefe da "revolução nacional".

A qualquer dos quatro o sr. Salazar devia inestimaveis serviços. Porque desfazer-se, então, dos seus mais preciosos colaboradores? Em primeiro lugar, importa salientar que a remodelação terá sido muito provavelmente determinada pela necessidade inadiavel do afastamento de um dos "grandes" do sistema que, dia a dia, se tornava mais incomodo: o sr. Santos Costa, o mais antigo companheiro de luta do professor de Santa Comba Dão. O ex-ministro da defesa, que sempre considerou o Exercito como sua propriedade pessoal e era olhado pelos seus camaradas de promoção como uma perfeita nulidade do ponto de vista militar, nunca dei-

xou, ao longo dos ultimos vinte anos, de conspirar na sombra contra o sr. Oliveira Salazar. Fê-lo, primeiramente, de parceria com o falecido presidente Carmona, e, ultimamente, com varios officiais a quem imprudentemente chegou a exigir juramentos de fidelidade. Monarquico de indisfarçaveis tendencias fascistas, reunira à sua volta os ultras do regime e montara aquilo a que se pode chamar um Estado dentro do proprio Estado. Odiado — é a palavra — pela maioria do Exercito e desprezado pela Marinha e pela Aeronautica, conseguiu, mercê de constantes depurações, manter à frente da maioria dos comandos territoriais homens da sua inteira confiança. O seu autoritarismo tornara-se ultimamente tão insolente e insuportavel que ousou, por diversas vezes, vexar, publicamente, o presidente Craveiro Lopes.

Nos quadros do Estado Novo, a unica pessoa capaz de lhe barrar o caminho parecia ser o sr. Marcelo Caetano. O ministro da Presidencia realizara na Administração o mesmo trabalho que o seu colega da Defesa levava a efeito no setor das Forças Armadas. Três anos bastaram ao sr. Marcelo Caetano para colocar os seus fiéis na direção das engrenagens civis do Estado Corporativo. Tanto ou mais do que o sr. Salazar, o delfim tinha a sua corte, uma corte de gente jovem, constituída na sua maioria por antigos alunos seus da Faculdade de Direito. Do jornalista corrompido e ambicioso, pronto a todas as baixezas e traições, ao chefe da repartição que espera a sua hora, o sr. Marcelo Caetano possuía de tudo no seu estranho "jardim zoologico". No gabinete findo, era bem a expressão maxima da ambição inteligente e do cesarismo hipocrita, tal como o sr. Costa era o simbolo da arrogancia estúpida. O primeiro fingia liderar uma tendencia liberalizadora para mais facilmente conquistar o poder e impor a sua vontade à nação; o segundo, devoto fervoroso da Virgem de Fatima, mantinha-se voluptuosa, doentamente apegado ao culto da violencia. Para além do fulto intelectual que os separa, um e outro professam a mesma repugnancia pelas idéias democraticas.

Os srs. Paulo Cunha e Trigo de Negreiros figuravam também entre os descontentes. Ambos viam com crescente apreensão as atitudes de aspirante a ditador do sr. Santos Costa e não escondiam a sua decepção perante o rumo tomado pela estagnada e corrompida "revolução nacional". O descontentamento que pressentiam nas massas e a ostensiva nausea dos intelectuais pelo regime preocupava-os. O sr. Trigo de Negreiros nunca terá passado além de ligeiras advertencias ao seu idolo. O sr. Paulo Cunha foi, sem duvida, mais longe. Como intelectual e como jurista, sabia que o regime não chegava a ser coisa alguma; como ministro, verificara que o seu prestigio no mundo resultava do desconhecimento das realidades mais elementares da vida portuguesa. O sr. Paulo Cunha teria sido mesmo um dos homens dispostos a alinhar com o presidente Craveiro Lopes, se este desse o "golpe" em que tanto se falou após o seu regresso do Brasil.

O ultimo pleito contribuiu para a definição de certas posições e para o esclarecimento de muita coisa nebulosa. O sr. Salazar, a quem não se pode negar uma viva inteligencia, compreendeu que, no proprio reduto do situacionismo, a sua herança era disputada por varias facções. Compreendeu, sobretudo, que o ambiente entre as Forças Armadas se estava a tornar, dia a dia, mais desfavoravel ao governo. Não se humilha impunemente um soldado, quando ele sabe que é o fiel da balança. Ora, durante a campanha, ou antes, a farsa eleitoral montada pelo Ministerio do Interior, a Aeronautica (o general Delgado é um dos mais distintos officiais da arma) fóra praticamente desarmada, chegando-se ao ponto de privar as bases aereas de gasolina para impedir uma eventual sublevação; e houve regimentos onde nem sequer um simples cunhete de balas foi deixado nos depositos de munições.

Quando a policia reconheceu a sua incapacidade para dominar a situação e enfrentar as multidões que vinham para a rua ovacionar o candidato da opposição, o regime

forçou o Exercito a intervir, o que determinou um immediato agravamento do estado de espirito reinante em numerosas unidades. Os homens chamados a metralhar gentes indedefesas, os officiais de cavalaria que comandaram cargas contra o povo anonimamente sentiram-se humilhados perante si proprios, prostituidos na sua condição de portugueses e de soldados. A mistica do soldado, semelhante em toda a parte, é mais viva nos países de velhas tradições. Portugal tem uma grande historia, um Exercito e uma Marinha com um passado que impõem pesadas responsabilidades. A cisão tornou-se mais profunda. O "homem forte" percebeu que só o afastamento do sr. Santos Costa lhe permitiria conservar as simpatias com que ainda contava e evitar um desequilibrio de forças a favor do general Delgado.

Essa, a nosso ver, a razão determinante da remodelação. O proconsul não se limitou, porém, a tomar a medida que sabia ser indispensavel e que lhe teria mesmo, porventura, sido suggerida pelo setor do Exercito que se lhe mantem fiel. Foi mais longe, cometeu o maior e o mais irreparavel erro de todo o seu longo reinado. Para demonstrar uma vez mais, e de forma espetacular, até que ponto continua poderoso, para provar ao país (e a si proprio) que o regime ainda era ele, e só ele, procedeu a uma depuração geral: afastou todos os seus homens, o grupo que surgia como a expressão viva do Movimento de 28 de Maio. Procurou, assim, atingir dois objetivos: eliminar os discipulos ingratos e

ambiciosos que lhe disputavam a sucessão e dar ao povo a impressão de que o regime vai sair da estagnação atual e evoluir para uma fórmula mais leberal.

O novo ministerio é, tanto quanto possivel, apolítico, e inclui poucas personalidades conhecidas do homem da rua. O ministro da presidencia — sucessor indigitado — o sr. Teotonio Pereira, é um teorico do Corporativismo, mas tem passado os melhores anos da sua vida como embaixador em varias capitais, de Madrid a Londres, passando pelo Rio de Janeiro. Homem de sociedade, mais apto a brilhar num salão ou ao leme de um "yacht" do que numa assembleia politica, tem amigos nos setores oposicionistas e não é, de modo algum, uma personalidade capaz de assumir as responsabilidades do poder e de imprimir ao regime um novo rumo. Os novos ministros da Defesa e do Interior são figuras de segunda ordem. O primeiro, que já ocupou episodicamente a pasta, é mais conhecido pelo fato de ser irmão do major Jorge Botelho Moniz do que propriamente pela sua intervenção direta na vida portuguesa. O segundo, o sr. Pires Cardoso, é um nome em que ouvimos falar pela primeira vez. Os novos titulares dos Estrangeiros e da Economia nunca militaram nos quadros do regime. O sr. Marcelo Matias, ex-embaixador em Paris, é um diplomata de carreira, notavelmente inteligente e, portanto, com legitimas ambições, que não está certamente disposto a sacrificar o seu futuro, comprometendo-se a fundo com um regime moribundo. O sr. Ferreira Dias é um economista talentoso, autor de um livro — *Linha de Rumo* — que contém severas criticas à politica economica governamental.

As pastas secundárias foram igualmente entregues a figuras

pouco ou nada ligadas ao situacionismo.

Os proximos meses, quiçá semanas, dir-nos-ão qualquer coisa sobre os resultados desta remodelação inesperada. Para nós a prova de força do sr. Salazar pode vir a apressar a sua queda. A sua fraqueza esrá, doravante, mais patente. Ao desfazer-se dos seus "nimgos intimos" (exceptuamos o sr. Negreiros, amigo sincero), dos homens saídos do Movimentos, e ao apelar para personalidades estranhas ao Estado Novo (o proconsul lusitano apenas conseguiu criar novos ressentimentos sem conquistar, em contrapartida, quaisquer simpatias. A linha geral da sua politica continua, aliás, a ser a mesma. Ai está a confirmar o que afirmamos, a nomeação para o Ministerio do Ultramar de um ex-governador colonial de visão acanhada, simbolo da fidelidade a uma orientação catastrofica para o futuro da presença portuguesa em Africa.

O povo não acredita no sr. Salazar nem no regime. A partir de agora, além do corpo valido da Nação, o "homem forte" terá contra ele, a agir na sombra, o sr. Marcelo Caetano e a sua corte de servís admiradores, o sr. Santos Costa e os generais e coroneis que vão ser afastados dos seus comandos. Em resumo, o processo de desagregação do Estado Novo vai acelerar-se, mercê do ato orgulhoso e irrefletido do seu velho lider. Aos 70 anos, o sr. Salazar sente mais do que nunca a embriaguez do poder, luta por ele com frenesi e desespero. O ditador de Portugal está só. Ao cabo de 32 anos, olha em volta e só vê pigmeus. Os antigos, os companheiros da primeira hora, partiram todos, caíram, cederam, ficaram pelo caminho. O regime, o Estado, é ele proprio, só ele, apenas ele. Até quando?

(de "O Estado de S. Paulo")

Rachel de Queiroz escreve:

Nós, portugueses

Tenho duas espécies de correspondentes em Portugal: de um lado os amigos, que nos dão sem regateio essa velha ternura portuguesa, que choram com a gente as suas mágoas e aceitam fraternalmente o nosso consolo e a nossa solidariedade. E do outro lado os que se zangam com a nossa interferência em seus problemas, sob duas alegações principais: primeiro: nós brasileiros — como os demais estrangeiros — não temos nada com a vida deles. Segundo: isso que eles têm lá e que nós aqui chamamos de ditadura é ao contrario, uma espécie de Jardim de Eden, antes da serpente, onde, ao preço de algumas obediências e restrições, se goza de uma felicidade sem jaça.

De saída vamos protestar contra essa historia de nos chamarem estrangeiros — de me chamarem estrangeira — o que eu, especialmente, resinto. Em relação aos portugueses, posso ser estrangeira tecnicamente falando — mas francamente, nem parece coisa da generosidade portuguesa se apegarem a uma mesquinha teccalidade para me lomarem um direito que é meu, por sangue e nascimento. Estrangeiros nós, em Portugal? E' como se nos fechassem a porta da casa materna. Onde estão as nossas raizes, de onde nasceu o Brasil, de onde nos vieram as palavras que usamos, os sentimentos do coração, as cantigas com que embalamos os filhos, as rezas e os santos da nossa devoção? Quem foram os nossos reis — seriam franceses, americanos os nossos reis, desde El-Rei D. Manuel até o Senhor D. João VI? E contudo, já neste século, ainda se derramou sangue no Brasil, por causa de um bando de fanáticos que, no seu sertão nordestino, estavam à espera da volta de D. Sebastião...

Se nos chamam de estrangeiros, então vocês, portugueses, também se consideram estrangeiros aqui dentro — e que estrangeiros serão esses que em cada um de nós se miram como um espelho de si mesmos, que em cada palmo da nossa terra encontram os padrões da sua grandeza, e em cada pedra ilustre do Brasil vêem esculpidas as quinas de Portugal?

Zanquem-se conosco, zanquem-se comigo. Mas não nos neguem — porque somos "estrangeiros" — o direito de opinar, reclamar, aprovar, discordar, o supremo direito de nos doer por Portugal. Então, se o filho ficou homem e pôs casa nova, deixa de ser filho e é enjeitado? Contudo sangue é sangue, e não será a palavra irritada de um parente que nos tirará das veias o nosso sangue comum.

A outra alegação é que todos estamos cegos se não enxergamos que eles refizeram o jardim do paraíso antes do pecado; e que o nosso papel no caso é o da serpente, a aconselhar que se prove o fruto do Bem e do Mal — fruto esse que eles parecem identificar com a liberdade.

A resposta a essa queixa é igualmente simples: o velho Portugal, com mil anos de vida independente, já provou há muito desse fruto defeso, e não há arrôcho de censura nem astúcias de demagogias que lhe façam esquecer o seu sa-

bor. Com Afonso Henriques, há quase um milênio, Portugal começou a ser livre; por amor dessa liberdade correram rios de sangue portugueses — e mais sangue correu ainda de mouro e castelhano, os inimigos tradicionais. Que loucura é essa — então, esqueceram que o velho Portugal foi o desbravador por terra e mar dos horizontes desconhecidos de América Asia e Africa? E agora querem transformar o varão ilustre em inexperiente donzela, e trancá-la na camarinha, e impedi-la de aprender a ler para que não troque bilhetes com o namorado! Portugal que já foi senhor do mundo, e que no mundo inteiro deixou a marca do seu pé, o nome dos seus heróis, querem agora encerrá-lo todo nos limites espirituais de Santa Comba Dão?

Ai, vocês se enganam se pensam que acreditamos que a voz de Portugal fala pela moftina boca do seu atual ministerio da Propaganda. Quando se quer ouvir Portugal a gente lê os Lusitadas!

E' proprio das ditaduras o se considerarem eternas, o suporem que, com o seu advento, se cria uma nova era, obliterando todo o passado, por mais glorioso. Mas felizmente isso são ilusões de grandeza. O passado não se esquece, o velho homem revive nos homens novos; a gente pode amordacar a boca que quer falar, mas não cala a consciencia por trás da boca. Impede-se o eleitor que vote, numa eleição que não era destinada a valer, mas não se impede o seu intimo direito de escolha. Agora, por exemplo, essa "eleição", em que foi sacrificado o bravo General Delgado, deve ter trazido aos homens do poder amargas constatações. Não le ter visto quanto é precário o terreno onde assentam o seu palácio de mentiras. Que se mantêm ainda fortes porque se beneficiam de uma situação de fato — quanto tempo durará essa situação de fato? Eles próprios já desconfiaram de que não amordaca nem se manietá uma nação inteira, indefinidamente. Pode a solução demorar — dez, vinte, quarenta anos, o prazo da vida de um homem. Porém, morto esse homem — seja embora de extrema velhice — o país continuará vivo, Deus louvado!

Quanto Portugal caiu sob o poder dos Felipes de Espanha, o mundo inteiro também pensou que estava sumida a nação portuguesa, transformada em provincia castelhana. Mas foram só sessenta anos, prazo grande demais para a vida de uma geração, mas apenas um curto dia para um povo que já ronda a sua vida em milênio.

Os meus patricios de Portugal que perdoem a veemência. Mas veemência é coisa nossa, de cá e de lá. E se por lá, no momento, são poucas as vozes que se podem fazer ouvir nós temos a obrigação de servir de voz aos mudos, de pena aos que não escrevem, até que a normalidade se restabeleça.

(De "O Cruzeiro" de 6 de Set.º)

Fernando Lopes Graça

por Adolfo Casais Monteiro

Acha-se no Brasil a mais notável figura da música portuguesa contemporânea, graças ao Ministério da Educação, a convite do qual vem fazer conferências no Rio, em São Paulo e Belo Horizonte. A julgar pelas parcas notícias que vi nos jornais, é como se não tivesse chegado ninguém; isto não é, apenas, culpa da imprensa, mas do hábito por demais generalizado de formas de autopropaganda que faz, frequentemente, mais barulho do que as pessoas merecem, visto cada uma estar convencida de ser a mais importante da sua rua, e portanto do mundo... Feliz ou infelizmente, Lopes Graça é tão pouco homem do auto-elogio e da autopropaganda que nem a mim, seu velho e grande amigo, informara de que estava chegando. Pelo que nem as minhas modestas trombetas puderam anunciar ao Brasil que, mais uma vez, as suas entidades oficiais tinham sabido reconhecer um valor que, no seu próprio país, só tem merecido dos poderes públicos, em vez do reconhecimento, as mais diversas formas de perseguição.

Fernando Lopes Graça não é apenas um notável musicólogo, mas (e eu acho que sobretudo) um grande compositor. Sob este ponto de vista será, creio, quase inteiramente desconhecido no Brasil, salvo de confrades (a alguns dos quais se deve, honra lhes seja, a sua atual presença neste País). Ele é, aliás, desse tipo raro de artistas em que os mais diversos dons se aliam, e só mais tarde, quando se fizer a história da vida musical portuguesa nestes últimos trinta anos, se ficará a saber quanto ela deva à multimoda atividade deste homem de energia e coragem incómodos, realizando, em circunstâncias sempre adversas, e sem um momento de quebra, uma obra de generosa difusão, de entusiástico "proselitismo" em favor da música em geral, e da música moderna em particular.

Devo ter sido dos primeiros beneficiários desse dom. Num tempo em que eu, em Coimbra, fazia modesta vida de estudante, sem dinheiro sequer para ter vitrola, surgiu Lopes Graça, recém-laureado com as maiores classificações pelo Conservatório de Lisboa... e recém-escorraçado do lugar a que teria direito, nesse mesmo Conservatório, porque já então ele não era "persona grata" ao regime que ensaiava os primeiros passos da perseguição aos intelectuais independentes. Pois a isso devi dois anos cheios de música. Foi ele que me revelou Bela Bartok e Hindemith, numa cidade onde ainda nem Debussy ou Ravel tinham chegado, em 1930. Já então ele publicara a famosa Caça aos Coelhoes, em que o pseudônimo Ruy Coelho, que a si próprio se apegava o gênio do nacionalismo musical, era reduzido a pó por uma pena de polemista digna das nossas grandes tradições no gênero. Porque, caso único entre nós, Lopes Graça é um escritor de primeira ordem. A sua bibliografia o prova abundantemente, e quero crer que ela seja, aqui, um pouco menos desconhecida do que a sua música, que, do "Hed" à sinfonia, da criação pura à harmonização da música popular portuguesa, constitui uma obra de nível excepcional, mais significativa do que outra qualquer, precisamente por não sofrer do localismo que assafia a dos compositores seus contemporâneos, mesmo os meus.

Se é afrontoso para a dignidade nacional que o governo português nada tenha a ver com a sua visita ao Brasil, mais afrontosa é a longa e variadíssima crônica (eu próprio não a conheço por inteiro) dá perseguição que, não só o cidadão, mas o compositor, sofreram por parte das autoridades portuguesas. A obra, e toda a atividade de Lopes Graça, é uma das mais notáveis afirmações de heroísmo das três últimas e sombrias décadas da vida portuguesa. Que, em circunstâncias sempre adversas, ele tenha realizado obra de tal vulto, na crítica, na divulgação musical, nos trabalhos de erudição musical, no ensino, é uma destas afirmações de força que nos garantem a sobrevivência cultural, mau grado a perseguição incansável de que continua sendo vítima a inteligência portuguesa.

Durante anos, nunca na Emissora Nacional (praticamente a única emissora de rádio portuguesa, já que as particulares não tinham condições de vida autónoma que pudessem fazer deles instrumentos de atividade cultural) permitiu que se tocassem ou cantassem obras

de Lopes Graça; mais ainda: quando secretário da Propaganda, Antonio Ferro, proibia aos intérpretes portugueses enviados ao estrangeiro para propaganda da música portuguesa, incluírem no seu repertório obras do grande compositor. Todavia, quando uma grande instituição particular, o Círculo de Cultura Musical, instituiu um prêmio de sinfonia destinado a autor nacional, o primeiro a ganhá-lo foi Lopes Graça. Ai, então, a Emissora Nacional foi obrigada a reconhecer a sua existência, porque uma combinação prévia determinava que as obras premiadas fossem executadas pela orquestra da dita Emissora, a única grande orquestra portuguesa. E, se bem me lembro, mesmo isto não foi sem complicações...

Não é de estranhar pois, que ao dedicar um artigo à música portuguesa contemporânea, o crítico dum grande jornal do Rio tenha omitido, há tempos, o nome de Lopes Graça. Decerto, recebeu o material para esse trabalho dos serviços de imprensa da embaixada, tantas eram as mediocridades nele referidas, e dada a ausência do nome do nosso visitante. Isso mostra, é claro, que o crítico em questão não conhecia a música portuguesa contemporânea; coisa que não me espanta, porque a perseguição aos compositores é muito mais eficiente do que a feita aos escritores — sobretudo porque a inocência de muita gente não a suspeita, por demasiado ignobil. A outra tem a "desculpa" de que pelos escritos se transmite o vírus subversivo. Mas pela música! E' que os inocentes não supõem até que ponto as modernas técnicas da perseguição sabem ir, no seu esforço para destruir quem se recusa a bajular o poder; ignoram que tirar ao cidadão relapso os seus meios de vida é uma arma usada comumente por todas as ditaduras... mesmo as "paternais"...

O resultado aí está: chega aqui um Lopes Graça, e ninguém sabe senão que um senhor desse nome, fará, no dia tanto, conferências no auditório do Ministério da Educação. As entidades portuguesas ficaram, e ficarão mudas; de nada sabem; os serviços de imprensa da embaixada mudos estiveram e estarão.

Cumpram-me pois a mim, que tão de perto acompanhei algumas fases da sua atividade, e sempre que pude, as inúmeras formas da sua criação musical (e não menos a de divulgação: graças a ele, sobretudo, foi criada a "Sonata" modesta mas eficientíssima instituição, destinada a divulgar a música moderna; nela ouvi, pela primeira vez, obras de Francisco Mignone, por exemplo); cumpram-me, e nada podia fazer mais de dentro do coração, dizer o que não foi dito, para evitar que os nossos amigos brasileiros, que não pertencem a grêmio musical, só dêem conta de quem esteve alguns meses junto deles depois da sua partida. E faço votos para que não só o musicólogo nos dê um ar da sua... graça. Quero crer que no programa da sua visita, esteja incluído algo da sua obra original, e que o nome de Lopes Graça passe a significar para os amadores de música do Brasil o de um grande artista, o mais indicado para representar fora do país a música portuguesa contemporânea.

P.S. — Este artigo foi escrito antes de se terem realizado as duas primeiras conferências de Lopes Graça, no auditório do Ministério da Educação, e antes de anunciado sequer o concerto de obras suas, no mesmo lugar; fica, com este concerto, realizado o voto que exprimi atrás, embora esse concerto seja pouco para dar toda a medida do compositor — que os auditores da segunda conferência puderam verificar, escutando a gravação do seu "Divertimento".

Quero, por outro lado, registrar a minha satisfação em ver desmentido, em parte, o meu prognóstico sobre o silêncio oficial: o embaixador de Portugal esteve presente às duas conferências. É claro que isso não anula os fatos que apontei e os leitores podem achar que tem mero significado de homenagem pessoal. Entendo porém que tem de ser tomado como uma reparação às injustiças de que Lopes Graça tem sido vítima. Quem sabe mesmo se não será um gesto corajoso, já que, em Portugal, o compositor e a sua obra continuam sendo objeto da mesma perseguição.

(Transcrito do jornal "O Estado de São Paulo")

Portugal Democrático

REDAÇÃO

Rua Conselheiro Furtado, 191 — Sala 2 — Telefone 37-0933 — São Paulo

Diretor-Responsável:

OTAVIO MARTINS DE MOURA

Expediente

Dias uteis: das 9 às 18 horas.

Sábado: da 9 às 12 horas.

Este jornal aceita toda e qualquer colaboração que vise servir o "Portugal Democrático" com verdade e independência. Não dispõe de qualquer subsídio. Sua vida depende de todos os democratas portugueses que desejam para Portugal um regime verdadeiramente democrático. A forma mais imediata de o ajudar, consiste em subscrever uma contribuição mensal, além dum assinatura anual.

Assin. anual 30,00

Assin. especial 100,00

Número avulso 3,00

Próximo número

No próximo número, PORTUGAL DEMOCRÁTICO, publicará artigos de J. SANTANA MOTA, CLAUDIO ABRAMO, MIGUEL URBANO RODRIGUES, JOÃO ALVES DAS NEVES e VICTOR DA CUNHA REGO, entre outros.

Os Srs. Comendadores e os portugueses do Brasil

Um grupo de comendadores portugueses do Rio de Janeiro que há muito se vem evidenciando pelo servilismo das suas atitudes perante o sr. Salazar e a ditadura do Estado Novo deslocou-se, recentemente, a Lisboa para assistir à cerimônia da posse do abulico presidente nomeado pelo seu idolo. Aproveitando a ocasião, esses senhores que se dizem representantes da Federação das Associações Portuguesas do Brasil, mas que tudo decidem sem consultar os socios das agremiações filiadas, entregaram ao Homem Forte uma ridícula mensagem de adesão e fidelidade da colônia lusa em terras brasileiras. Protestando contra tão abusiva atitude, os organismos representativos da oposição ao regime — entre os quais o nosso jornal — enviaram a Imprensa um comunicado que foi publicado com grande relevo pelo Estado de S. Paulo. E' o seguinte o texto desse documento:

"O jornal que v. exa. tão brilhantemente dirige e que tão altos serviços tem prestado à causa de Portugal, publicou ontem um telegrama da agência "France-Presse" relativo à presença de alguns portugueses do Brasil na cerimônia da posse do almirante Americo Tomás. Reproduzia-se no citado telegrama uma mensagem entregue ao sr. Oliveira Salazar por aqueles senhores que se arvoraram na circunstância, a exemplo do que têm feito em ocasiões anteriores, em interpretes dos "portugueses do Brasil". Tão extemporânea atitude de um grupo de pessoas que nada representa determinou um compreensível sentimento de indignação em milhares de membros da colônia lusa. Afirma-se na mensagem em questão que "os portugueses do Brasil acompanham com verdadeira fé a obra iniciada por Salazar que, com ajuda de Deus, há-de elevar cada vez mais o nome de Portugal, para glória da raça".

Nunca se fez, como v. exa. sabe, nem se poderia fazer, nenhum plebiscito entre a colônia lusa para avaliar das suas simpatias pelo sr. Salazar. Mas é do conhecimento geral que há no Brasil muitas

EM PORTUGAL

O Movimento Nacional de Resistência incita o povo à insurreição civil

A proclamação do Movimento Nacional de Resistência, que abaixo publicamos, foi, recentemente, divulgada em Portugal e apesar da máquina policial do regime procurar por todos os meios impedir a circulação de manifestos clandestinos, chegou rapidamente aos mais afastados recantos do País, despertando verdadeiro entusiasmo entre a população. Trata-se de um documento de alta importância que demonstra até que ponto o descontentamento contra o Estado Novo é geral e profundo. Em vez de descontentes isolados, existe agora um grande Movimento Nacional, uno e coeso, disposto a lutar contra a ditadura e a derrubá-la. O texto da proclamação é o seguinte:

"Parte importante dos democratas e opositores do Estado Novo, conhecedores com experiência e da técnica científica de repressão utilizada pela Polícia Política, aproveitaram a lição das últimas eleições para dar forma prática à atividade do Movimento Nacional de Resistência fundado em 8 de agosto de 1957. E, assim, ficou estabelecido na última reunião do Conselho Nacional de Resistência a que compareceram 72 delegados de todo o Norte do país, o seguinte programa de ação:

- 1 — Constituir, no Território Nacional, Comissões de Resistência locais.
- 2 — Instruir essas Comissões com normas de ações tendentes a criar uma Frente Nacional de Resistência.
- 3 — Louvar publicamente o sr. gen. Humberto Delgado e o sr. dr. Arlindo Vicente pela correção, honestidade e coragem cívica postas a serviço das respectivas campanhas.
- 4 — Sem mandato de qualquer dos candidatos e compreendendo que lhes é impossível pronunciar-se acerca do programa e dos objetivos do M.N.R., em virtude de aqueles homens publicos estarem praticamente prisioneiros do regime, de tal modo são vigiados e impedidos de se

manifestarem livremente, o Conselho Nacional de Resistência declara-se independente dos Serviços de Candidatos cujos elementos mais representativos continuam presos ou vigiados, não procurará estabelecer contacto com os candidatos democráticos para não dificultar as suas possibilidades de protesto e porque na pratica não reconhece o M.N.R. neste momento qualquer utilidade na luta chamada legal, continuando por isso a atuar na clandestinidade através de meios apropriados devidamente estudados e ponderados.

5 — Proclamar como objetivos imediatos e urgentes do M.N.R. a a conquista do programa mínimo estabelecido pelo sr. general Humberto Delgado na sua proclamação ao país.

6 — Proclamar a insurreição civil orientada no sentido de, por pressões sucessivas, movimentos de opinião publica; informação, prevenção, ação direta, greves técnicas e, em ultima instancia, terrorismo branco, isto é, terrorismo sem perda de vidas humanas, obrigar o regime a entregar a presidencia da Republica ao sr. general Humberto Delgado, presidente eleito dos portugueses.

7 — Informar o país acerca das lutas palacianas que se travam entre as diversas facções no seio do Estado Novo.

8 — Informar o país acerca do verdadeiro resultado das eleições.

9 — Instruir o país acerca da forma de realizar os objetivos que emergem das decisões do Conselho Nacional de Resistência.

10 — Defender a integridade e os direitos civis e políticos, atacar fortemente os agentes da tirania, denunciar a mentira e procurar o convívio honesto dos portugueses".

O apêndice é altamente expressivo:

"E dever de todo o democrata ou homem livre, copiar pelo menos 5 vezes este comunicado e remetê-lo a 5 homens livres do seu conhecimento ou amizade. Se puder dactilografá-lo, melhor, se não puder, não hesite em copiá-lo à mão em letras maiúsculas. É importante que este comunicado passe de mão em mão, sem que quem o receba possa ser preso ou incomodado. A experiência tem ensinado que o processo mais eficiente e impune é o envio pelo correio, exceto às pessoas de grande intimidade e confiança.

Quem puder, duplicar ou reproduzir não deve hesitar".

"Portugal Democrático" solidariza-se com "O Estado de São Paulo"

No último número do nosso jornal evocamos demoradamente o atentado cometido contra a liberdade de Imprensa na pessoa do jornalista brasileiro Domingo da Lucca Jr., correspondente especial das "Folhas" de São Paulo, expulso do nosso País pelo governo fascista do Sr. Salazar, por ter denunciado a farsa das eleições de 8 de Junho passado. Como democratas e como portugueses, protestamos, então, em face da atitude arbitrária e cega dos agentes policiais que, tendo perdido há trinta anos o respeito pela Imprensa lusa, insultaram também a Imprensa do Brasil.

Hoje, é ainda como órgão de informação que protestamos contra o atentado à livre divulgação e circulação das idéias cometido pelo sr. Jacques Soustelle, ministro francês da Informação, que mandou retirar a carteira profissional ao sr. Gilles Lapouge, diretor em Paris da sucursal do jornal "O Estado de São Paulo", a pretêxo de que aquele distinto jornalista deformava tendenciosamente as suas impressões acerca da política francesa. Quem tão descaradamente tenta desvirtuar a função jornalística, bem merece ser apontado à opinião pública como indigno representante de um país tradicionalmente democrático como sempre foi a França.

Por isso, juntamos os nossos veementemente protestos contra o inqualificável autoritarismo do sr. Soustelle, ao mesmo tempo que afirmamos a "O Estado de São Paulo" a total solidariedade de todos os democratas portugueses que vivem em Portugal, no seu Ultramar, no Brasil e em todos os Continentes

aa. Pelo Comité dos Intelectuais Portugueses Pró-Liberdade de Expressão — Secção de São Paulo: Adolfo Casais Monteiro, Carlos Maria de Araujo, Fernando Lemos, Francisco Lopes, J. Alves das Neves, J. Pedroso de Lima, J. Santana Mota, J. Santos Baleizão, João Sarmento Pimentel, Maria Archer, Miguel Urbano Rodrigues, Vitor da Cunha Rego e Vitor Ramos. Pelo Centro Republicano Português: Carlos Cruz, J. Abel Martins, J. Duarte Batista, J. Gonçalves Paratudo e Vitor Rosado; Pelo "Portugal Democrático", Otavio Martins de Moura, diretor.

O caso "Diário Ilustrado" (3)

A primeira semana de Setembro:
A nossa última semana no "D. I."

Por Victor da Cunha Rêgo

Na primeira semana de Setembro, os factos sucederam-se com uma rapidez estonteante. Através de elementos da oficina, o chefe de redação soubera que se iniciara um inquerito sobre uma pretensa história de chumbo desviado da tipografia, por Eurico da Costa. Quase simultaneamente, Nuno Rocha, nosso camarada de redação, em Inglaterra na altura, era suspenso por motivos pueris e diminuído o seu ordenado, no próprio dia do casamento.

Posto em contacto telefonico com o chefe da redação, com lágrimas na voz, delegava-lhe poderes para tratar do seu caso junto dos administradores. Nesse mesmo dia, Miguel Rodrigues pedia-nos permissão para falar, também, em nome de todos nós, junto da administração. Apenas Trabucho Alexandre e Jorge Rodrigues não concordaram. E Trabucho Alexandre viera trabalhar naquele jornal apenas por bondade do chefe da redação. Era, no momento em que entrou para o "Diário Ilustrado" um indivíduo sem cotação profissional. Falhara na direcção de dois jornais desportivos ("Mundo Desportivo" e "Jornal dos Sports") depois de cenas lamentáveis. Pudera voltar a ganhar o pão de cada dia graças ao homem que agora abandonava. Estava certo. Era coerente com o seu próprio caráter.

Enfim, no dia 6 (salvo erro), Miguel Rodrigues avistava-se com o presidente do conselho de administração para travar um diálogo impossível sobre os problemas do jornal, e em particular sobre o caso Eurico da Costa. O que foi esse diálogo não tem descrição por parte de quem não o presenciou. De qualquer forma, Miguel Rodrigues frisou a gravidade da situação se Eurico da Costa fosse demitido sem razão plausível. Acusavam-no de roubar chumbo, 250 gramas, se não erramos, para ir à pesca! Era ignobil e ridículo. No fundo, sabíamos que queriam dispensá-lo por suspeitarem que fosse comunista. Pois bem, provassem-no. Num ano de convivência, nunca esse nosso camarada fizera política à sombra do jornal. Nunca discutira, mesmo, assuntos de política interna ou internacional. Comunista? Sabíamos, positivamente, que o não era. Mas se, por essa razão, quizessem despedi-lo, muito bem. Ou o fariam apresentando provas (é tão fácil e comodo em Portugal dizer-se que este ou aquele são comunistas...) ou, estando no belo direito de despedirem quem quizessem, pô-lo-iam na rua... mas com a indenização a que, por contrato, tinha direito.

Quando o chefe da redação saiu de casa de Lucas de Sousa naquela noite, a questão ficara de pé. Quarenta e oito horas depois, as esperanças dissipavam-se: Eurico da Costa era notificado de que fora demitido das suas funções.

Frísamos aqui o caso Eurico Costa como um apontamento. Nem todos os elementos da redação comungavam espiritualmente com ele, ao ponto de se demitirem por causa do seu afastamento. Os motivos do profundo descontentamento que levou à demissão eram mais profundos, vinham detrás e já os descrevemos. Mas as duas acusações contra Eurico da Costa eram tão ridículas, simbolizavam tão bem as anomalias que decorriam em Portugal entre entidades patronais e empregados que a farsa não era possível de se suportar um momento mais.

Reunimo-nos certa noite. Da redação, faltavam apenas cinco elementos. Metzner Leone e Amândio Cesar, que nem tinham sido consultados. Eram fascista e racistas. Já sabíamos a sua opinião. Jorge Rodrigues e Trabucho Alexandre de que já falámos. Daniel Filipe ausente no Porto e Nuno Rocha que, como dissemos, delegara plenos poderes ao chefe da redação por se encontrar em viagem de núpcias. Esse noite, também não se descreve. Um por um, todos os elementos consultados se manifestaram solidários na demissão.

Vinte e quatro horas depois apresentávamos a nossa demissão ao director. Estávamos a 8 de setembro. Fomos em serviço à Moita do Ribatejo. Eram as festas locais e cerca das 14 horas, telefonamos para o jornal a reportagem. Atendeu-nos o sr. Metzner Leone. Quando ouviu o nosso nome riu-se. Pedimos-lhe para chamar um colega. Riu-se novamente. Ficou com o auscultador na mão rindo-se, sem percebermos bem porquê. Só pouco a pouco, atra-

vés do fio telefonico, pudemos entender o motivo. A voz de Lucas de Sousa chegava-nos aos ouvidos, diluída pela distancia. Discursava na redação, tomando uma posição de força. Ameaçava. Durante alguns minutos ficámos esperando o contacto com qualquer camarada. Depois desistimos, voltávamos a ligar e falando com Adelino Tavares da Silva pudemos desempenhar-nos da nossa missão. Foi esse camarada que nos comunicou que o fim tinha chegado.

No dia seguinte, o chefe da redação, Daniel Filipe, Mateus Boaventura, Renato Boaventura e nós próprios eramos chamados ao conselho de administração, cujo presidente nos comunicou ter aceito o nosso pedido de demissão. A cena foi de pura comédia no que nos diz respeito. Hilarante pelo tom trágico que lhe quiseram imprimir os administradores. Como alguns dias mais tarde seria tragica a traição dos srs. Artur Alpedrinha, Miguel Serrano e Saraiva Mendes, a de Nuno Rocha e tristemente penosa a atitude de Manuel Beça e Roby Amorim, dois meses depois. São factos que precisam ser descritos.

O natal do preso politico português a caminho da realização

A iniciativa que tomámos, no último número do "Portugal Democrático", no sentido de promover a realização do "Natal do Preso Político Português", está a ser acolhida favoravelmente em todos os recantos do Brasil aonde chegou o nosso jornal, a avaliar pelos incentivos que, de toda a parte, estão a afluir a esta redação.

Com efeito, para lá da solidariedade politica que pretendemos mostrar para com os nossos compatriotas que por terem dito "não" a Salazar foram, sem qualquer julgamento, encerrados nas inúmeras prisões que nos últimos trinta anos vêm proliferando e mmosa Pátria, os portugueses que residem no Brasil desejam colaborar na magnifica jornada solidariedade humana que estamos organizando. Na verdade, não basta que os nossos amigos presos saibam que, embora longe, não os esquecemos. É preciso mais: a nossa presença material numa data que, à margem do seu conteúdo religioso, significa também que os homens, esquecendo momentaneamente as suas lutas, podem confraternizar e sentir-se mais próximos uns dos outros.

Não poderemos certamente garantir com essa presença a resolução dos problemas que enfrentam os presos políticos, nem as suas famílias. Também não poderemos, infelizmente, com o nosso gesto, restituir-lhes a liberdade. Cada português do Brasil colaborará, de resto, apenas na medida das suas possibilidades. E o que pretendemos, afinal, é a boa vontade. Acreditamos sinceramente que nem um só dos nossos compatriotas que julgue considerar-se digno da sua qualidade de português poderá eximir-se à homenagem que vamos prestar aos milhares dos nossos amigos que sofrem por amor a um ideal cujas raízes se encontram na própria essência da nacionalidade.

Temos a felicidade de viver numa terra livre e democrática. Essa é mais uma razão, se outras não houvesse, para que nos situássemos bem per-

NA TOSQUIA DOS CAMELOS

O incrível Sr. Torquatro

por João Alves das Neves

Há pessoas que, se não existissem, teriam de ser inventadas. É o caso, por exemplo, de um Júlio Dantas (que escreveu livros mais ou menos culinários, entre os quais uma "ceia"), de um Augusto de Castro (democrata arrependido, diplomata falido e, actualmente, director de um jornal com larga participação de ações do Estado), de um Lucas de Sousa (ex-graduado da "Legião" e "testa de ferro" de inúmeras empresas monopolistas), de um Neves Graça (sem humor e só título: director da PIDE), de um Lumbrales (monárquico inveterado que vence à custa da República) ou de um Santos Costa (que Deus tem...). Todas, como se vê, figuras necessárias, essenciais, ao xadrez da "boa ordem" decretada pelo excelso doutor nascido à mão direita de Santa Comba Dão-Gare.

Na capital bandeirante ou, para sermos mais exactos, na Universidade de São Paulo, instalou-se também, com armas e bagagens (dizem alguns que com muito mais armas do que bagagem...), uma dessas personagens do romance absurdo em que roda a chamada politica "nacionalista" que ainda se processa em nossa Pátria. Na impossibilidade de remeterem para esta cidade um Júlio, um Castro ou um Lumbrales (figuras mais do que decorativas), a ditadura mandou um delegado de vigésima categoria (até décima, nem um sai de lá, bem agarrado à "posta"), absolutamente irresponsável. Dizem os livros onde certamente foi batizado que o seu nome é Torquatro (com qu) de Souza Soares. Mas a imprensa paulista tem-lhe atribuído outros de tal modo diferentes que optamos pelo último

que lhe chamou a revista "Anhembi": Torquatro. Em abono da verdade, temos de concordar que o nome lhe assenta como uma luva. Mas há que pôr os pontos nos ii. A delicadeza é a delicadeza. E não podemos fugir à tradicional e morna afeição lusitana, temperada por obra e graça da ditadura salazarista — mas da boa, da autêntica. Seria, aliás, o desrespeitar do sono que o "bondoso ditador" ordenou aos portugueses, já lá vão trinta longos anos. Não lhe damos, pois, os títulos com que vem sendo galardoado: agente da PIDE (a grande instituição de âmbito imperial que é responsável pelo assassinato de milhares de portugueses e pela prisão de dezenas de milhares); propagandista de um governo marcadamente fascista (que apenas sobrevive, devido à força esmagadora das armas e contra a vontade de todo um povo); professor indocumentado (e só possível em face da sua subserviência aos princípios, nada catedráticos, da "MP", de "LP" e da "UN"); intelectual que ninguém conhece nos meios intelectuais de Portugal (a não ser que mantenha inedita toda a sua obra, para coroação postuma); nazi-fascista confesso, policia e espião. Há quem proclame ainda que o Torquatro (que abustamente logrou introduzir-se na Universidade de São Paulo), embora desembarcado com o título (comprovadamente falso) de universitário é mero propagandista da policia do monge-esbirro de São Bento. Neste caso, só temos que admitir a hipótese de ter vindo o Torquatro chefiar os dois ou três agentes da policia secreta salazarista que — parece — atuam na grande cidade paulistana.

Lavamos daí as nossas. Nada insinuamos. Repetimos o que lemos. Não acusamos. Não agredimos. Recorremos tão somente aos recortes dos jornais. Porém, retomando o fio da meada e voltando ao Torquatro, salientamos que, nos primeiros tempos, conseguiu fazer-se passar por professor (sempre houve professores mais ou menos ignorantes...), pelo que foi tolerado. (Ah! os borb e fortes laços de sangue que unem os dois países irmãos e atlânticos...) Mas, certo dia, Torquatro, desesperado por não darem pela sua presença, saiu à estacada e desatou a clamar num jornal paulista a excelência dos processos anti-democráticos de Salazar, o conforto das prisões fascistas, o alto nível de vida dos portugueses que trabalham e outras coisas que tais. Isto é, Torquatro desmascarou-se. Sem querer, é claro. (Há erros que destroem policia inteiras...) E Torquatro, o incrível Torquatro, nem deu, nem quis dar pela "gaffe", insistiu, esconceu, intrigou — policiou. Hesitar no insulto ao regime democrático do país que o recebera de braços abertos, abstraindo de ideologias, apenas confiado nos laços da fraternidade? Respeitar a apolitica Universidade onde tão indignamente (e só por engano) lecionava? Evitar o ataque a esse democrata brasileiro de rija tempera que é Paulo Duarte? Torquatro não pensou a sombra de um segundo. Atrou-se para a frente, às cegas. E lamentável e irremediavelmente, escorregou. Mas, num ápice, Torquatro tornou-se conhecido.

Passou a fazer as delicias dos leitores das "colunas mundanas" dos jornais paulistas e cariocas. ("Aonde irá no próximo domingo o medievalista Torquatro? Terá escapado ao poço das serpentes? Estará ainda tentado pelas "estrelas" do "ballet" soviético? Ou perseguirá, na selva toda virgem, algum impuro democrata português que o bendito Salazar ambiciona mandar para as "colônias de férias" do Limoeiro, de Caxias, de Peniche, do Tarrafal ou do Bié?") A estas perguntas dos leitores e das leitoras nunca se dá resposta: profundo mistério... Torquatro, nas entrevistas, não diz por onde, nem com quem anda... Além de tudo o mais, Torquatro é um valente: "Com que então querem discutir a "obra" da Situação? Pois vamos lá a esse debotézinho, apareçam, se têm coragem..." Com efeito, os estudantes tinham-lhe lembrado uma conferência (com debates) por pihéria, mas o Torquatro tomou a brincadeira a sério e, a avaliar pelos primeiros pinotes que deu, era capaz de ter feito já duas dúzias

de palestras com hossanas a Salazar, ao Marcelo, ao Santos Costa. (Foi um bem para ele: como explicaria, agora, a defesa dos dois últimos?). De resto, nisto de jornais, Torquatro, o Torquatrozinho, é um herói: "insultam-me? Pois vou processá-los a todos". Mas repetiu-se a história das conferências e das discussões: não processou ninguém...

Torquatro não desarma. Torquatro é eloquente, convincente. O quê, não acredita em Salazar? "Ora venha cá: em dez minutos, o máximo num quarto de hora, convengo-o da cabeça aos pés." Torquatro é arrogante. Não teme. Nem sequer aventou a hipótese de que alguém o pudesse interpelar. Estava no seu pleníssimo direito de, como "catedrático", defender nos jornais o fascismo lusitano. Além disso, tinha pelo seu lado o todo poderoso Oliveira S., o M. Caetano e o S. Costa. Ninguém lhe pode tocar, que o Torquatro para muito acima da disciplina universitária, e esta tem, forçaosamente, de se baixar, para que a ditadura marche... Excluído dos quadros da Universidade de São Paulo? Torquatro sorri, depois ri, a seguir desata à gargalhada. E, se o fór, que importa? Os "serviços" que já prestou — como policia — ao regime salazarista podem valer-lhe a cátedra ambicionada na Universidade de Coimbra, apesar de lhe faltarem os títulos legais. Mas em Portugal isso não é problema, tudo se resolve quando se tem um ministro como o Lello Pinto (aquele que privou, há meses, os estudantes universitários da multissecular tradição de escolherem os orientadores das suas associações).

Porém, contra todos os prognósticos, Torquatro irritou-se. Queria falar, mas descoberto (ao Torquatro só resta a efêmera celebridade que ainda lhe dão os "colonistas"...), Torquatro anuncia a quem o quer ouvir que todos os seus verdadeiros ou pretensos inimigos são... comunistas! Não escapa um só, pois todos recebem ordens directamente de Moscovo. E mistura, alto e bom som, no mesmo saco, portugueses e brasileiros, o jornalista X ou o professor Z... E como ninguém lhe deu as rijas bengaladas que já o Ramalho aconselhava aos indivíduos da sua laia — o Torquatro desatou aos berros que o Univrside de São Paulo não tem categoria nenhuma e que os seus mestres não passam de mentecaptos... (Neste ponto, confessamos que o Torquatro empregou outros vocábulos que a nossa "Royal" se recusa a articular...).

Torquatro, o incrível Torquatro, conseguiu pelo menos um dos seus objectivos. Deram por ele; (mesmo nós, nesta trincheira de combate que é o "Portugal Democrático", nunca tínhamos sabido da sua existência, nem como professor nem como intelectual). Torquatro existe, pois. Barajusta e protesta. Torquatro é um ser humano, marcha, corre, agita-se, mostra-se! E Torquatro diz-se professor! E Torquatro considera-se intelectual! E salazarista! E... português! (O que é o cúmulo).

O sr. Cid Franco, ilustre deputado socialista sempre presente na batalha onde se pretende jogar a Democracia, inquiriu recentemente, na Câmara Estadual, quais são, afinal, as verdadeiras funções de Torquatro de Sousa Soares: professor? policia? simples agente fascista? Depois desta pergunta, que certamente terá resposta, o energúmeno levará o correctivo que merece.

(E aqui damos por encerrado o 1.º capítulo da aventura de Torquatro em terras bandeirantes. Continuaremos, oportunamente).

A LEGIÃO E OS RATOS

Por ocasião das últimas eleições, a Legião Portuguesa chamou às suas fileiras todos os elementos reservistas a fim de servirem como "fiscais" das mesas eleitorais. No entanto, ao que sabemos, os dirigentes dessa milícia fascista ficaram extremamente surpresos ao verificar que a grande maioria dos "retirados" apresentou pretexto de saúde (ou qualquer outro) e não compareceu. Os ratos vão abandonando o barco.

Falam os jornalistas brasileiros

Continuando a publicação de opiniões de jornalistas brasileiros sobre o atual regime político português, Portugal Democrático insere, hoje, o depoimento de Frederico Branco, redator do Serviço de Estrangeiro do "Estado de S. Paulo". Frederico Branco, além das suas incontestáveis qualidades profissionais, é um dos intelectuais brasileiros mais debreados sobre os aspectos científicos da cultura ocidental, tendo contribuído de forma decisiva para a divulgação no Brasil de todas as correntes sérias da moderna literatura de ficção científica. Espírito esclarecido e de sólida formação política, analisa num breve comentário a absurda e inadmissível dificuldade de diálogo que o chamado "Estado Novo" português criou entre os dois povos irmãos.

Dificuldades de diálogo

Recentemente, entrando em contacto com portugueses, que vinham pela primeira vez ao Brasil, tivemos oportunidade de notar uma extraordinária facilidade de mútua compreensão e de entendimento, em relação a problemas que nos interessam em comum. Aliás, racionalmente, não haveria motivo que justificasse qualquer dificuldade no diálogo, uma vez que falamos a mesma língua e usufruímos um património similar.

Mas, nos últimos anos, uma paradoxal e deprimente dificuldade tem-se oposto a que exista um entendimento mais geral entre nós, brasileiros, e os nossos irmãos além mar. Tal dificuldade reside precisamente na própria natureza do regime fascista que há mais de 30 anos infelicitou Portugal. Um dos característicos de tal regime é justamente a supressão do pensamento livre, em todas as esferas. Tudo quanto sai de Portugal e que nos chega às mãos, em consequência, é o que recebeu o timbre da censura ditatorial. Nessas circunstâncias, não deve causar espanto o fato de, lamentando embora profundamente a sorte de seus irmãos portugueses, os brasileiros considerarem extremamente difícil estabelecer um diálogo com

eles. Daí, a importância da publicação de PORTUGAL DEMOCRÁTICO. É esta folha que nos revela uma outra face de Portugal que, para nós, brasileiros, era até há pouco tão invisível quanto a outra face da lua. Há portugueses que para cá vieram não como representantes, mas como exilados do regime que oprime sua terra e sua gente. Estes, é verdade, falam uma linguagem mais dura que a dos aulicos do regime, não vivem a entoar lóas à "obra" do ESTADO NOVO nem a exaltar as relações oficiais entre o Brasil e os homens que oprimem Portugal — sem representá-lo.

Com estes portugueses que cá estão, felizmente, o diálogo é possível, entendemo-nos perfeitamente. Com os que estão além Atlântico, é absolutamente impossível. Para que se possa travá-lo é preciso que caia o regime fascista de Salazar, sinistro carcereiro que manobra os cordões de uma fera ditadura. Dizemos que então o diálogo será possível, pois que não haverá mais exilados portugueses e portugueses oprimidos — haverá tão-somente portugueses e brasileiros, unos e irmanados na liberdade.

FREDERICO BRANCO

Opiniões insuspeitas

Vão regressando ao Brasil alguns viajantes que assistiram à trágico-média eleição, representada, por obra e graça de Salazar, na "Formosa Estribaria".

É bom esclarecer os nossos comandadores que "Formosa Estribaria" foi como chamou o famoso Cavaleiro de Oliveira ao Portugal do século XVIII, onde e quando a Santa Inquisição o queimou em effigie já que não pôde havê-lo às mãos para lhe aplicar a penalidade de contumaz e diabólica heresia.

Eu não possuo talentos, nem as malasartes, de Francisco Xavier de Oliveira, nem com estas "Opiniões Insuspeitas", que, afinal, são as dos outros e não as minhas, pretendo, a maneira do "Amusement Periodique", arranjar lenha para me queimar, embora em matéria de fé, tratando-se do Deus invocado pelos medalhões da Colônia na posse do Presidente Tomás, seja mais hereje que o secretário do Conde de Tarouca.

Lá se os nossos apatacados patricios tivessem dito que era malfeitoria do Porco Sujo a permanência do fradalhão no poder, inda eu era capaz de acreditar; mas milagre de Nosso Senhor verdadeiro — o que expulsou os fariseus do Templo — abrenúncio! e comigo, para começarmos esta prosinha fiada, o reverendo Padre Gustavo de Almeida, que, no "Diário da Manhã", órgão da União Nacional, por um desses rebates de consciência próprios de pecadores arrependidos, escreveu assim: "Insisto. Vale a pena insistir, mesmo que custe ouvir as insistências..."

Um colega nosso, as "Novidades", fazia-se eco, também, das nossas preocupações — e referia-se ao "carácter ameaçador" do fenómeno, e acentuava que "acontecimentos recentes revelaram de facto um estado de espírito em largas camadas juvenis que exige a máxima atenção": "andam à procura de rumo, de norte". Era deste que falávamos no nosso último artigo. A estes importa salvar desde já e fazemos nossa a opinião do presado colega: "mais do que impôr-lhes fórmulas que eles já não compreendem nem sentem, objetivos terrenos que declinaram, entreguemo-nos antes a um esforço de renova-

ção no humano, no social, no político e até no religioso".

Há com certeza uma renovação a fazer. A juventude espera-a em todos os setores da vida nacional.

Tantas vezes surpreendi um ou outro adulto a condenar os novos, quando há semanas eles se desmandaram e desorientaram. E diziam: — deviam eles ter visto o que nós vimos, tudo o que foi Portugal antes de 1926, para experimentarem e verificarem como tudo ajudou.

Pôr o problema desta forma, é colocá-lo a meias. Com certeza que eles não puderam comparar, como nós, os que vimos dessa época. Mas, decorridos os primeiros anos, os primeiros entusiasmos e as grandes reformas a vida caiu numa monotonia insípida, entregue a uns tantos senhores que mandam nisto sem chamarem ninguém. A vida de equipe nunca ninguém a praticou, desde os Ministérios até cá abaixo. Não há distribuição de responsabilidades, nem distribuição inteligente de iniciativas e trabalhos.

A mocidade e a juventude habituaram-se, por um lado, à burocracia infernal da máquina administrativa e corporativa; ao regime do nepotismo político; para vencer, o que importa é ter padrinho na U. N. ou um parente rico ou deputado. Por outro lado, eles ouvem a toda hora e em toda a parte, a queixa e a crítica, que tomou foros de legitimidade, mesmo quando exagerada ou injusta, porque os casos multiplicam-se e os exemplos de tantos que mojavam as desilusões e o descrédito.

Os pais falam disso em casa; eles vêem o que se passa na escola; eles não deixam de verificar tantas vezes, eles mesmos, os escândalos.

Vamos pedir raciocínios calmos aos de 18 a 20 anos? Quem já viu a juventude obedecer mais à razão do que ao sentimento?

E nós? Agarrados a fórmulas ferrugentas; sem dinamismo; sem apaixonados por um Ideal, o nosso; com instituições juvenis esvaziadas de poder de conquista; fraseado, muito fraseado barato; muita fachada.

Quem vai vencer? Vencerá quem souber levar o coração da juventude. Vencerá quem lhe aponte

Os jornais e as agências falam de Portugal...

Salazar continua ilegalmente no poder. Tudo parece indicar que não será por muito tempo. Por um lado, o ditador está cansado, a idade da reforma aproxima-se... Por outro, o Povo Português não o quer, repudiou-o, mais uma vez, vibrante e claramente, quando, sob a ameaça das metralhadoras, foi votar pela Democracia. É certo que o sentido da votação de novo foi iludido. Mas Portugal tomou consciência da sua força e da sua unidade. Salazar tem os dias contados.

LIBERDADE PARA OS PRESOS POLÍTICOS

O rescaldo das eleições ainda não terminou. As prisões continuam. Os protestos da Oposição também. O general Humberto Delgado, ex-candidato às últimas eleições presidenciais, tornou público o seguinte protesto, segundo telegrama da "AFP", de 7 de Agosto:

"Estamos convencidos — afirmou, secundado por mais 150 democratas portugueses —, e conosco todo o País, de que esses cidadãos, não cometeram nenhum crime, mas, pelo contrário, cumpriram o seu dever de cidadãos, no grave momento da vida da Pátria, e sempre dentro das bases estabelecidas pela Constituição em vigor. Mas se crime houve, declaramos, solenemente, termos todos, sem excepção, cometido o mesmo crime". E o general concluiu: "Eu não preconizo a intolerância, nem a incompreensão. Eu não quero dividir os portugueses. Quero uni-los e libertá-los".

O "PRESIDENTE" TOMA POSSE

Levado ao poder pelas forças da PIDE, que prenderam centenas de pessoas no decorrer da última campanha eleitoral e "apreenderam" (?) centenas de milhares de boletins com o nome do candidato independente, Américo Tomaz já foi empossado no cargo em que tão descaradamente o colocaram Salazar e a sua "clie".

com esperanças novas. Senhores políticos emburguesados e cansados, tende a coragem de vos demitir. Retirai-vos a tempo. Deixai-nos passar." (Padre Gustavo de Almeida).

Mais e melhor é ouvir o relato desses viajantes, o amigo Américo, por exemplo, que chegou há poucos dias de Portugal, e que, antes desta viagem à terra, quando falava de Salazar ficava mais ríxo de entusiasmo que o próprio Soares depois da conversão, a dizer em plena rua José Bonifácio para o Viana da Portuguesa: "que crâneo, amigo Viana! como eu andava cego e iludido pelos vermelhos! aquilo, sim, é um grande crâneo!" (A comenda velu logo depois a seguir, e explica tudo.)

Pois o amigo Américo não viu nenhum crâneo de elefante no corpo derreado do fradalhão, inda que lhe parecesse rumbudo, nem trouxe ilusões, afirmando muito simplesmente e com toda a sinceridade: — "Se não roubassem as eleições, o meu humorismo só teria 10% dos votos. Eu mesmo presenci esse roubo descarado". Detalhes, não vale a pena. Quem os quiser, procure o Américo na Moça.

Outra testemunha de vista é a jornalista Regina Paiva Ramos, cronista-mór da Tertúlia Académica e repórter de "A Gazeta". Essa traz interessante documentário fotográfico que mostra aspectos da multidão aclamando Humberto Delgado na cidade do Porto, e registou no seu canhenho dados e opiniões ouvidos a centenas de portugueses que interrogou nas aldeias e cidades que percorreu, interessada, como estava, em informar os leitores do seu jornal sobre a política portuguesa: "No seu lindo "Jardim à beira mar plantado" uma espessa cortina de silêncio obriga a calar a consciência do povo escravizado, revoltado, faminto. A "PIDE" está, como a terrível censura, em toda a parte, e quem se atrever a criticar o Governo vai parar no xadrez até mofar.

Escritores, cientistas, médicos, professores, advogados, artistas, gente dos jornais, o autêntico escóla da inteligência de Portugal é contra Salazar e a ditadura.

Se as eleições tivessem sido livres, o general Humberto Delgado ganharia longe".

João Sarmento Pimentel

Antes, porém, Craveiro Lopes, o general da triste figura, despediu-se dos portugueses (telegrama da AFP, de 8 de Agosto), salientando que o conforto moral que estes lhe deram no decorrer do seu mandato quase lhe fazia "esquecer os passos dolorosos que, naturalmente, surgem no exercício de tão delicada missão". Presumimos que o general sem coragem se queria referir à luta surda que travou, durante sete anos, contra Salazar e os seus mais próximos colaboradores, entre os quais o coronel Santos Costa. Essa guerra lhe valeu ser preterido pelo ditador, em favor de Américo Tomaz.

O novo "presidente" discursou, como é uso, ao ser empossado e prometeu (AFP, 9-8) "respeitar e servir lealmente a Constituição". Desde já, a primeira medida que vai tomar será, naturalmente, a de libertar os presos políticos ilegalmente detidos, a de indenizar as dezenas de milhares de vítimas do fascismo, a de permitir que todos os portugueses possam livremente exprimir a sua opinião. Sabemos que Tomaz nada fará nesse sentido, pois se limitará a assinar, exatamente como sempre assinou, na qualidade de ministro da Marinha, os decretos e portarias que favoreciam as grandes negociatas dos Tenreiros e companhia. Jurou defender Constituição. Mas por quanto tempo? "Bem prega frei Tomaz"...

EXPURGO E DEFECCÕES
No passado dia 1.º de Agosto, o importante diário "O Estado de São

"Portugal Democrático" e os leitores portugueses

PORTUGAL DEMOCRÁTICO, além de constituir uma tribuna informativa da colónia portuguesa de S. Paulo projecta-se, também, na própria metrópole portuguesa e em todo o seu ultramar.

As cartas que temos recebido provam-no inofensivamente. Acusando a recepção do nosso jornal e incentivando os nossos propósitos, os leitores afirmam-no igualmente que PORTUGAL DEMOCRÁTICO é, hoje, um verdadeiro órgão dos portugueses livres, agudado mensalmente com ansiedade pela população metropolitana e do ultramar, apesar do regime de clandestinidade que os sicários da PIDE teimam em emprestar-lhe. Alguns dos nossos artigos têm sido, até, copiados a STENCIL e distribuídos profusamente, em Lisboa, no Porto, em Coimbra e noutras cidades, nas vilas e aldeias de Portugal.

Tal facto dá-nos a oportunidade necessária para endereçarmos três pedidos a todos os nossos leitores: Primeiro, que nos enviem colaboração. Que este jornal se transforme na tribuna em que todos descrevam as misérias de que tenham conhecimento, respeitantes ao actual regime português. Segundo, que nos mandem sugestões tendentes ao melhor aproveitamento de PORTUGAL DEMOCRÁTICO na defesa das liberdades humanas. Finalmente, que cada leitor metropolitano ou ultramarino procure difundir este jornal que é, afinal, de todos, e nos auxilie a mantê-lo, procurando angariar assinaturas.

Sabemos a tarefa pesada. Mas contamos com a solidariedade de todos que nos lêem. Não publicaremos nomes. Conheçamos a profundidade da repressão policial. Mas com esta nossa iniciativa, procuramos estabelecer uma rede de correspondentes em toda a Metrópole e no Ultramar, de Faro a Viana do Castelo, de Moura a Bragança, do Funchal a Deli. Só assim será possível desmascarmos, no momento adequado, as inúmeras violências e abusos do "Estado Novo".

Contamos convosco, leitores de Portugal!

Paulo" anunciava, em correspondência especial de Lisboa, o assassinio de 4 pessoas em Campo Maior (Alentejo), no decorrer de uma manifestação de camponeses que pediram aumento de salários, ao mesmo tempo que indicava ter o então ministro da Defesa, Santos Costa, iniciado um movimento de expurgo no Exército. Acrescentava que nas últimas semanas "foram deportados para Cabo Verde e para a Guiné grande número de altas patentes militares, entre as quais se deve encontrar o comandante da região militar de Santarém que, protestando fidelidade ao general Craveiro Lopes, se recusara a acatar uma ordem do coronel Santos Costa. Seu paradeiro, desde então, é desconhecido".

A seguir, acentuava que diversos apuniguados da Situação, desorientados, procuravam entendimentos com a Oposição, ao mesmo tempo que se observavam já inúmeras demissões personalidades diversas até então ligadas ao situacionismo nomeadamente o afastamento do diretor e de parte do corpo docente do Colégio Militar de Lisboa.

QUE É FEITO DE SANTOS COSTA?

Ao comentar a última remodelação ministerial portuguesa, o mesmo jornal paulista declarava, pela pena de O.S.F., na secção internacional "De um dia para o outro": "Em Portugal, cedendo à pressão política de largos setores da oposição e inclusive do próprio partido governamental, Salazar foi obrigado a remodelar o seu ministério. O importante nessa operação é a substituição do coronel Santos Costa, que há anos vinha exercendo as funções de ministro da Defesa. Santos Costa era, sem sombra de dúvida, o elemento mais marcado do governo, tendo feito inimigos inclusive entre seus próprios colegas de gabinete. Deve-se a ele o facto de o general Craveiro Lopes não ter sido reeleito presidente da República. Neste contexto, a remodelação do gabinete perde importância, adquirindo relevo a saída do ministro da Defesa. Foi seguramente para não feri-lo brutalmente que Salazar, afastando-o, afastou outros. De qualquer maneira, sua saída permite entrever que o regime já não está tão firme quanto parece do exterior, e que as forças opositoras, paulatinamente, fazem sentir seu peso e influência".

O "CASO TORQUATO"

Transcrevemos das "Folhas", de 16 de Agosto findo, a seguinte notícia que se prende com a existência desse repugnante agente fascista que está ainda lecionando na Universidade de São Paulo, a magnífica instituição que, de modo algum, podemos identificar com a política defendida pelo "professor" de camisa verde:

"Pelo sr. Cid Franco (PSB), foi encaminhado à mesa (da Câmara de Deputados paulista) requerimento em que solicita ao poder público, através da Reitoria da Universidade de São Paulo, informações sobre os seguintes itens: 1 — Se procedem as críticas feitas pelo jornalista Paulo Duarte, segundo as quais o governo do Estado contratou, para reger a disciplina de História Ibérica da Universidade de São Paulo, um professor salazarista, que faz, em classe, propaganda contra o regime democrático. 2 — Qual a explicação da Reitoria sobre as dificuldades para contratação de um cientista como Cesar Lattes e a possibilidade de ser contratado um adversário de nosso regime político para reger a disciplina de História Ibérica. 3 — Se o mesmo professor leciona em regime de tempo integral e, finalmente, se é exato que sua classe conta apenas com meia dúzia de alunos, fato que tornaria absurdo o regime de tempo integral".

PORTUGUESES E ESPANHOIS

Leia "Democracia Española". Franco e Salazar são inimigos comuns.

Os problemas da Espanha interessam-nos tanto quanto os nossos problemas interessam aos espanhóis. A luta que se trava das montanhas asturianas à "huerta levantina", do planalto castelhano às "marismas" andaluzas, é a nossa própria luta.

PORTUGAL REAGE CONTRA SALAZAR

Catorze camponeses famintos foram metralhados pela policia ditatorial

Jornalista português publica um artigo no semanário "L'Express" — De luto os homens de Lisboa e do Porto — Boicote nos bondes, cinemas e jornais — Passeatas e choques com a policia — Um artigo que deixa clara a única verdade que se pode divulgar sobre Portugal: seu povo oprimido passa fome

PARIS (Domingos de LUCCA JUNIOR, correspondente das FOLHAS — via Panair) — Alguma coisa mudou em Portugal. Salazar já não está tão certo de seu poderio e o povo mais seguro de seus direitos e de suas possibilidades de jogar o mito por terra e dar a Portugal o lugar que sempre mereceu entre as nações livres e democráticas do mundo.

Não foi em vão que o general Humberto Delgado arriscou sua carreira, sua posição, sua liberdade e, por que não dizer, sua vida. Seus sacrifícios encontraram eco no coração do povo lusitano e hoje a investida do general-aviador equivale, como ele mesmo disse, a uma tremenda sacudida no jugo ditatorial que começa a conhecer os primeiros dias do declínio de sua força.

A EUROPA OBSERVA

A despeito da crise francesa, em fins de maio do ano em curso e início de junho, os jornais parisienses sempre reservavam espaço para dar conhecimento aos seus leitores da luta que vinha sendo travada pelo general Delgado contra a ditadura de seu país.

Alguns jornais chegaram mesmo, a enaltecer a coragem daquele militar e a desejar-lhe a vitória nas urnas pois ele era visto não apenas como um candidato, mas como um instrumento da democracia agindo dentro de uma nação grilhoada.

Agora, as emissoras francesas anunciam as modificações que Salazar está introduzindo no seu atual ministério e um comentarista frisa: "O ditador já não está seguro e procura não só movimentar os cordões do seu teatro de marionetes, mas também reforçar seus nós..."

São indícios bons. No "Quartier Latin", portugueses exilados brindam a possível volta da democracia ao seu país, exibindo alegremente a reportagem enviada de Portugal por um democrata lusitano ao semanário político "L'Express", na qual narra o que sucede hoje em sua pátria, dando a entender que os dias de Salazar, no poder, estão contados, que ele sabe disso e procura, por todos os meios, sufocar o civismo e o patriotismo dos portugueses das formas mais diversas. Mas eles reagem!

ESTOPIM ACESO

"Durante mais de 10 anos — inicia o artigo — os democratas portugueses viveram com os olhos voltados para a Espanha: era dela, da queda de Franco, que eles esperavam a libertação. Mas, há um mês a situação mudou: Portugal se libertará primeiro. E, daqui, do Porto, de Coimbra, de Lisboa, que partirá a tempestade libertadora para se estender por toda a península ibérica".

A certeza do articulista pode ser compreendida quando ele explica mais abaixo: "Esta é, presentemente, a convicção de todos os opositores da ditadura de Salazar. Eles puderam medir suas forças reais em junho último, no Porto particularmente, onde não somente a população da segunda cidade portuguesa, mas uma massa mais numerosa que a população total da cidade (600.000 pessoas) foi aclamar o general Humberto Delgado, candidato da oposição e vencedor autêntico das eleições presidenciais, a despeito do terror e da vigilância policial que pesava sobre os eleitores — previamente "triados" e impossibilitados de reclamar o boletim de voto da oposição aos representantes das autoridades — Delgado conseguiu mais votos que o candidato de Salazar e o regime não evitou a debacle senão dissolvendo os collegios eleitorais para se livrar de uma redução fictícia dos boletins retirados das urnas".

"Esses fatos são conhecidos de todos. Também malgrado as prisões preventivas em massa (a detenção preventiva pode durar seis meses sem culpa formada) de estudantes e de opositores, a agitação social e política tem aumentado ao longo das últimas seis últimas semanas. A imprensa é boicotada nas cidades, greves puramente políticas foram desencadeadas através de todo o país e, notadamente, em Barreiro, Setúbal, Almeida e Vila Franca de Xira, enquanto greves econômicas eclodem em Fontela, (Figueira da Foz) e Matosinhos. Em Monte-mor-o-Novo (Alentejo), passeatas de protestos, organizadas por camponeses, famintos, foram metralhadas pela Guarda Republicana, resultando disso 14 mortes e uma centena de feridos".

"Em sinal de protesto contra essas violências — prossegue o artigo, com o subtítulo "Gravatas Negras" — milhares de cidadãos, em Lisboa e no Porto notadamente, usam gravata negra. O boicote dos bondes, dos teatros e dos cinemas desencadeado nessas cidades, obteve pleno sucesso: bondes e salas de espetáculo estão vazias. As violências da repressão não conseguem senão exacerbar a hostilidade popular. A insurreição desponta". Mais abaixo, em tipo versal, o "L'Express" explica: "Por razões de segurança nosso correspondente nos solicitou conservar-lo no anonimato".

A VERDADE

Como vêm os leitores quando dissemos — na série de reporta-

gens que escrevemos sobre a situação do país irmão, sob o título "Portugal amordaçado" a 27 de junho último, pela FOLHA DA MANHÃ, "Esta série de trabalhos é dedicada ao povo e à nação portuguesa. Ela contém a única verdade que se pode divulgar sobre Portugal, ficando em paz conosco mesmo: o sofrimento do seu povo, que clama por liberdade", o faziamos baseado numa realidade da qual só os acólitos do ditador podem fugir.

Hoje, passados dois meses, nos regozijamos por saber que o povo português está reagindo. Portugal, ao que tudo indica, está às portas da libertação. O artigo desse jornalista, que se mantém no anonimato por razões óbvias, bem o demonstra.

Suas palavras são o reflexo do que hoje sucede em sua pátria e seu anonimato se compreende bem quando ele — corroborando o que havíamos dito em nossos trabalhos sobre as eleições portuguesas — frisa que qualquer cidadão pode ser preso por seis meses, sem culpa formada.

A ditadura portuguesa está a caminho do fim e só nos resta aqui desejar aos patriotas portugueses boa sorte e melhores dias, sob a bandeira da liberdade e da democracia, a qual sempre norteou o Portugal que nós, brasileiros, amamos e respeitamos, e certamente não aquele dos despotas, dos ditadores de fãncaria, dos couveiros da democracia e das tradições portuguesas.

(Folha da Manhã, 4-9-58)

Salazar é julgado pelo "New York Times"

Um velho "slogan" profusamente afitado em todas as escolas, repartições e nos mais diversos lugares públicos de Portugal e reproduzindo um discurso de Salazar — "quem não é por nós, é contra nós" — tornou-se, com o andar dos anos, de tal modo elástico que, hoje, "quem não é por ele, é comunista". Pelo menos, a PIDE e outros órgãos de "informação" da paternal ditadura assim o entende. Daí, que os próceres do regime fascista luso devam sentir-se um tanto ou quanto confusos em face dos artigos consagrados pelos mais reputados jornais do Mundo ao "paraíso" artificialmente criado em nosso País, jornais todos sobejamente conhecidos pelo seu anti-comunismo, mas que nem por isso deixam de condenar, em nome da Liberdade e da Democracia, os "princípios" de Salazar.

É o caso, por exemplo, do artigo que o "New York Times" consagrou, em 10 de Junho passado, ao ditador de Santa Comba Dão-Gare — artigo sem dúvida de inspiração comunista, de acordo com a tradicional política de propaganda saída dos gabinetes da "ANI", da "União Nacional", do "SNI" e quejandos... Em toda a terra portuguesa, o referido artigo circula por milhares de cópias e uma dessas chegou a São Paulo quando o último número de "Portugal Democrático" já estava na máquina. Mas visto que não perdeu a oportunidade, sobretudo por ter vindo de onde veio, e ainda por que, a fechar, mão anónima escreveu "Tire cópias e distribua-as", aproveitamos a oportunidade para colaborar na difusão...

Escreveu o redator do "New York Times", dois dias decorridos sobre as "eleições" de 8 de Junho:

"Em condições "normais", uma

eleição presidencial em Portugal não merecia a atenção especial da maior parte dos países.

Desta vez, porém, revestiu-se de um interesse mundial, graças a luta corajosa do General Humberto Delgado.

O General Delgado, é claro, perdeu por larga margem a favor do candidato escolhido por António de Oliveira Salazar, o ditador e primeiro-ministro.

O nome do vencedor é por acaso o do Contra-Almirante Américo Tomás, mas isso não tem qualquer importância: ele não terá qualquer poder e o Dr. Salazar podia, da mesma forma, ter escolhido o polícia de trânsito mais à mão.

É costume, desde há muito tempo, na Inglaterra, nos Estados Unidos e noutros países, considerar a ditadura portuguesa benévola, adequada e eficiente.

Tem havido "lei" e ordem", há trinta anos, costuma dizer-se. Os portugueses eram turbulentos e incapazes de conduzir os seus negócios quando o Dr. Salazar apareceu em cena, em 1928, e se tornou o primeiro-ministro permanente, em 1932 — afirma-se ainda.

Certamente já passou mais do que o tempo necessário para que seja permitido este tipo de engano próprio.

Terá sido bem conduzido um País cujo povo tem o nível de vida mais baixo da Europa Ocidental. A maior percentagem de analfabetismo em toda a Europa e uma das piores distribuições de riqueza (os poucos ricos e os muitos pobres) do Mundo? Há lei e ordem num cemitério, mas quando são impostas a uma Nação, na segunda metade do século vinte, a abdicção de todas as liberdades do seu Povo, o resultado é degradante e nada digno de elogio.

A prisão do conhecido filósofo

O povo português iniciou a "Resistência"

Em correspondência datada do Porto, o jornal "O Estado de S. Paulo" publicou, no passado dia 2 de Agosto, uma crônica pormenorizada, na qual se descrevem as primeiras manifestações de resistência passiva contra o regime ditatorial que, sob a chefia implacável e violenta de Salazar, oprime todo o Povo Português. Reproduzimos, na íntegra, com a devida vénia, a aludida correspondência:

Trabalhadora e ordeira, a população do Porto sempre se caracterizou pelas suas arraigadas convicções liberais. E por isso que os portugueses continuam a ver na sua cidade "a sempre leal e invicta", ao mesmo tempo que se consideram os melhores depositários do coração que lhes legou D. Pedro IV de Portugal e I do Brasil, que do burgo tripeiro ergueu a fortaleza que, depois, desmantelou o regime absolutista de Miguel. A evocação não é despropositada se tomarmos em conta que o Porto se colocou sempre na primeira linha da batalha contra a ditadura salazarista.

Com efeito, desde que, em 1945, o movimento oposicionista começou a ter consciência da sua força, foi na capital portenha que se registraram as maiores manifestações de hostilidade ao governo atual. O ardor que os portugueses demonstraram na última campanha eleitoral, alinhando, unidos e coesos, ao lado do general Humberto Delgado, não esmoreceu. O discurso proferido, quando da sua posse, pelo almirante Américo Tomás, apesar do tom contemporizador, não encontrou nenhum eco, pois todos sabem que, apesar do seu juramento, o novo presidente assinará a alteração da Constituição, desde que Salazar e os seus próceres lho indiquem.

A palavra de ordem do "Movimento Nacional de Resistência", que aqui teve a sua primeira grande reunião clandestina que deu corpo à organização, continua a ser seguida. Os jornais portugueses, apesar de não terem tomado abertamente posição a favor de Salazar, continuam a ser boicotados, assim como os espetáculos e diversas salas funcionam quase vazias. O exemplo frisante foi dado no decorrer do último jogo de futebol entre o F. C. do Porto e o Vasco da Gama, ao qual assistiram 28 espectadores! De um modo geral, aliás, inúmeros estabelecimentos comerciais diminuíram as suas vendas, pois a população só compra os produtos essenciais.

Para lá da sangrenta repressão verificada durante e após as eleições, o povo não esquece as violências cometidas pela policia, uma das quais revoltou unanimemente a cidade: o assassinio do menor de anos Fernando José Ribeiro dos Santos Jorge, abatido a tiro, quando participava de uma manifestação oposicionista, pelo agente Carlo, chefe da 13.ª esquadra da SP de Carvalho. Foi proibido qualquer acompanhamento no enterro do jovem martir e o prof. Oliveira Salazar mandou aos pais da vítima 10.000 escuros — para pagar uma vida...

Manifestos, circulares, planfletos, produções de artigos de jornais estrangeiros — entre os quais "O

de 70 anos, Professor Vieira de Almeida, no dia das eleições, por ter dirigido a campanha do General Delgado, devia ser suficiente, por si só, para definir o regime de Salazar.

O próprio General Delgado corre, o risco de ir parar à prisão, por ter cometido o "crime" de se opor vigorosamente ao regime de Salazar.

O Mundo está alerta para ver se ele vai ser castigado por isso. Quando a história destes tempos for escrita, numa data futura, pode prever-se com segurança que 25% dos votos de protesto a favor do General Delgado pesarão mais na balança do que os 75% já previstos para eleger o Almirante Américo Tomás.

Esta eleição pode vir a ser o primeiro passo hesitante do povo português no caminho para a Liberdade".

Estado de S. Paulo" ocupa expressivamente o mais destacado de todos os lugares — são espathados, por centenas de milhares, através do correio, passados de mão em mão ou abandonados nas ruas e círculos de transporte coletivo, lembrando a todos que o dever é o de resistir. E o movimento alarga-se, explosivo e incontido, sem que a PIDE descubra de onde vem: e nunca poderá fazê-lo porque, além dos documentos emanados dos grupos da oposição que todos conhecem já, outros surgem anonimamente, sob os mais variados pretextos, apenas com o objetivo essencial de incutir na população a certeza de que a vitória contra o obscurantismo será inevitavelmente alcançada, um dia.

Entretanto, pelas malhas da PIDE desfiliam milhares de pessoas, desde as que ultimamente se mostraram mais ativas na luta ao fascismo, até aquelas que assinaram as listas da oposição em 1945, ou quaisquer documentos reclamando a supressão da censura. A correspondência é violada, os telefones escutados, operários e simples empregados são delatados nas fabricas, nos escritórios e nas repartições.

Em sinal de protesto contra todas estas violências e ilegalidades, grande parte dos portugueses ostenta ainda a gravata preta e mostra-se na disposição de resistir, por todos os meios ao seu alcance, até que a ditadura caia, para dar lugar à instalação de um governo que dê, efetivamente, a cada português o direito de ser livre. Pelo menos, a impressão que diariamente se colhe na rua ou na oficina é a de que o português deixou de ter medo e enfrentará, haja o que houver, Salazar e os seus apauçados.

RUMORES

Como apontamento para encerrar esta carta breve, noticiamos que corre por todo o país, com uma insistência insustentada, o rumor de que Salazar estaria na disposição de, muito em breve, se retirar da cena política, recolhendo-se à sua pequena propriedade de Santa Comba Dão. O motivo desta atitude, que, a registrar-se, mudaria por completo o panorama político português, seria o cansaço físico e a desilusão provocada pelos resultados da última campanha eleitoral, os quais, deturpados oficialmente, lhe chegaram às mãos exatos. No entanto, como é óbvio, a notícia ainda não obteve confirmação de nenhum elemento oficial.

Marques Gastão, o "Picareta"

Bem conhecido da colônia portuguesa, onde tem feito proveitosas "razias" a quando das suas viagens ao Brasil, Marques Gastão, "jornalista" das aeronáuticas, acaba de ser condecorado pelo governo fascista espanhol ingressando, assim, na muitíssima benemérita legião dos comendadores. O facto de ser distinguido pelo ditador que segue as pisadas do seu emulo e vizinho Salazar, explica claramente os "serviços" prestados por Marques Gastão, "picareta-mór" do jornalismo português.

Com efeito, o redator do "Diário da Manhã" (e ao que parece também redator ou colaborador da "Voz de Portugal" do Rio de Janeiro) é o exemplo frisante do homem que passa a vida a "picaretear" tudo e todos. Escreve livros que as companhias de aviação (ele tem o monopólio das reportagens do aeroporto de Lisboa) são coagidas a comprar... ou trocar por propaganda gratuita. Faz notícias roubando as perguntas e as respostas aos seus colegas, ou melhor, aos profissionais de imprensa. E' pago para escrever sobre usos e costumes (dizendo bem, é claro...) dos países que frequenta... graças às tais companhias. Publica contos mediocres em todas as publicações que encontra à mão. Vive bem. Ganha muito. E tudo porquê? Porque, escolheu como instrumento de trabalho, em vez da pena, a picareta.

Jornais portugueses que envergonham Portugal

"Le journalisme mene à tout, à condition d'en savoir sortir". A afirmação, proferida há uma boa dezena de anos por um conhecido político francês, transformou-se num lugar comum que exprime com exatidão uma realidade. O jornalismo é, hoje, uma profissão cada vez mais aberta aos oportunistas e ambiciosos sem escrúpulos. Verdade seja que apenas um número insignificante daqueles que, por exercerem as suas atividades nas redações, se julgam e dizem jornalistas o são de fato. Muito poucos dos muitos que possuem cadernetas profissionais vivem do jornalismo e para o jornalismo. Para uns, o emprego no jornal é um "bico", uma maneira de preencher os buracos do orçamento familiar; para outros, um processo de vender favores que têm o seu preço, um meio de elogiá-los e poderosos e endeusar os mediocres; para outros ainda, a minoria, é a mais bela das profissões, uma paixão e um sacerdócio.

O nível moral, intelectual e técnico do jornalismo anda indissolavelmente ligado ao regime em que vive a imprensa. Nada mais conflagrador do que o jornalismo esclerosado e apologetico dos países onde vigora essa odiosa instituição que é a censura. A Espanha e Portugal (tal como acontecia com a Alemanha e a Itália nos anos anteriores à queda dos nazi-fascistas) oferecem hoje exemplos expressivos da baixa a que o jornalismo pode descer em tais condições. Sete anos vividos na redação do maior quotidiano português — o "Diário de Notícias" — se constituíram para mim uma experiência de que guardo recordações particularmente dolorosas, permitam-me, por outro lado, compreender em toda a sua profundidade o processo de abdicção e aviltamento de uma grande empresa jornalística. Convém desde já esclarecer que em Portugal ninguém pode ser nomeado diretor de um jornal sem parecer prévio favorável da Presidência do Conselho e que esta, através dos Serviços de Censura, impede desde há muito — salvo o caso especial do único órgão oposicionista tolerado "República" — a escolha de personalidades desafetas ao Estado Novo. No caso do "Diário de Notícias", tal como sucede em muitos jornais, o diretor não tem outra preocupação que não seja a de agradar ao regime satisfazendo os seus menores desejos. Não é de estranhar assim que o grande matutino tenha hoje como redator-chefe um indivíduo praticamente analfabeto, antigo e obscuro reporter policial que dá pontapés na gramática com o mesmo displicente à vontade com que endeusa os proceres do regime que sugeriram o seu nome para o cargo. A suprema aspiração dessa grande casa enuncia-se em quatro palavras: nunca ter uma opinião! Mentiríamos se negássemos a absoluta fidelidade do "Diário de Notícias" a esse princípio. O diretor, dr. Augusto de Castro, acadêmico e diplomata saudosos da faustosa imbecilidade da "carriêre", é um brilhante escritor de aflição superficialidade e de uma ignorância que raia às fronteiras do inverossímil. Como editorialista, os seus temas favoritos são o bucolismo aveirense, as evocações de aspectos da intimidade de grandes figuras desaparecidas com quem afirma ter privado, o gênio do Sr. O. Salazar, e a política soviética que analisa invariavelmente com base em trocadilhos com os nomes dos líderes russos que insiste em ver de barbas, bebendo vodka, ou em trajes menores. O fundamental nele é, no entanto, a sua condição de heronista para quem as mulheres belas e fúteis, os almoços com soberanos no exílio, os salões dourados das embaixadas, Paris, (no inverno), Deauville e Biarritz (no verão), representam o ideal de todo o intelectual civilizado. O "Diário de Notícias" é apenas o instrumento — agradável mas incómodo — que lhe permite receber chorudos vencimentos como membro dos conselhos de administração dos principais serviços de interesse público de Lisboa incluindo a electricidade e os telefones) e manter íntimas ligações com o "trust" que explora o jogo no Estoril. Sob as suas vistas complacentes, o seu beocio redator-chefe publica na íntegra, precedidos de formosas hipóboles, todos os discursos dos ministros do Sr. O. Salazar, mutila e deturpa o noticiário internacional e elimina

cuidadosamente todas as notícias que, de longe ou de perto, pensa que possam vir a desagradar a qualquer entidade oficial. Insensivelmente, o "Diário de Notícias" transformou-se num boletim, um boletim amorfo e terrivelmente fastidioso, onde os eminentes, os insignes e os ilustres, são semeados em alegre profusão para distinguir os serventários do regime, toda uma série de oligarcas e altos funcionários corrompidos até a medula.

O caso do "Diário de Notícias" não é, porém, único. A maioria dos jornais não só se conforma com a existência da censura como a considera um bem providencial. O seu desaparecimento restituiria às várias fôlhas um sentido de responsabilidade que as direções consideram particularmente incomodo até porque nos quadros redatoriais são mais os burocratas do que os autenticos jornalistas. Para aquele que através de todas as pressões não venderam as suas consciências e se negam a fazer a apologia do regime, as perspectivas são sombrias. Constituem uma minoria olhada com desconfiança tanto pela Presidência do Conselho como pelas entidades patronais cujo desejo é evitar a todo o preço atritos com a Censura. Ficar aquém da fronteira da censura, nunca roçar os limites do proibido é, por exemplo, a palavra de ordem do "Diário Ilustrado", o mais jovem quotidiano de Lisboa, verdadeiro símbolo da abdicção da imprensa portuguesa e do seu servil enfeudamento aos interesses incontestáveis da oligarquia. Como seu antigo redator-chefe, apenas apenas posso experimentar desprezo e um vago sentimento de piedade pelos homens que numa hora decisiva em que estava em jogo — o escândalo teve proporções nacionais — a própria dignidade da condição de jornalista, ao invés de se demitirem como doze dos seus colegas, preferiram prostituí-los escolhendo o pão amargo da escravatura pelo preço da honra da profissão que não haviam sabido servir de cabeça levantada.

Aos jornalistas de Lisboa que ultimamente emigraram para o Brasil, entre os quais me conto, estava reservada, contudo, uma surpresa: encontrarem neste grande país, onde a imprensa é livre, dois jornais (a designação é imprecisa) portugueses que abdicaram da sua missão específica de informar a colônia lusa e assumem uma posição em tudo semelhante à das anquilosadas fôlhas da mãe Patria. Refiro-me aos semanários "A Voz de Portugal" e "O Mundo Português". Não conheço um só dos seus redatores, ignoro mesmo o nome dos respectivos diretores. Sei apenas que, como jornalista, corria de vergonha se trabalhasse num desses boletins de propaganda do Estado Novo editados no Brasil. Ninguém, absolutamente ninguém que preste a sua colaboração (convém esclarecer que muitos dos artigos que publicam são extraídos de outros jornais e transcritos sem autorização dos autores, como se fossem originais) a esses dois semanários que se demitiram da sua nobre missão de órgãos da colônia pode apresentar a menor atenuante. Enquanto em Lisboa e Porto se contam por dezenas os jornalistas dignos desse nome que sofrem nas redações, aguardando pacientemente o alvorecer de uma nova era para a imprensa, enquanto uma "República", um "Diário de Lisboa" e um "Diário Popular" se esforçam por servir o seu público numa luta permanente e tenaz contra as limitações impostas pela censura, as duas fôlhas do Rio de Janeiro não têm a feitor justificação para a inqualificável conduta que vêm adotando. Qualquer homem é livre de professar as idéias que entender. Os proprietários e os diretores de "A Voz de Portugal" e de "O Mundo Português" estão no seu pleno e legítimo direito de admirarem o Sr. O. Salazar e de elogiarem aquilo que pensam ser uma grande obra. Mas o que não podem sem se demitirem de homens e de jornalistas é dar às centenas de milhares de portugueses residentes no Brasil uma idéia da vida quotidiana portuguesa que, antecipadamente, sabem ser falsa. Quem abre um desses semanários e passa os olhos pelo noticiário de Além Atlântico tem a impressão imediata de que todo o tempo será pouco — uma vida inteira não bastaria — para os nove milhões de portugueses se recriarem na terna admiração do seu chefe e chamarem sobre ele todas as

benções celestes. Portugal seria um Paraíso onde todos gozariam de uma perene e maravilhosa felicidade, Paraíso que excederia em muito o de Milton, quiçá, mesmo, o visionado pelo Profeta do Islão.

Tal como acontece nos piores diários de Lisboa, todos os ministros, nas colunas destes jornais, sa, ilustres, dinâmicos, inteligentes, todas as obras do regime grandiosas e oportunas; todas as solenidades oficiais brilhantes ou comovedoras, todas as populações do Ultramar vivem amorosamente pendentes das palavras desse gênio tutelar que é o Sr. O. Salazar. E, exatamente como se verifica nos diários de Portugal não há, também, a menor referência para as greves de Matozinhos, das fabricas do Norte e do Barreiro, para o trágico abandono do trabalho de milhares de rurais nos campos do Alentejo, para o frio assassinio dos aldeões de Montemor pela Guarda Republicana, para a onda de perseguições, de violências e de prisões que assola Portugal. "A Voz de Portugal" e "O Mundo Português" montaram bem a sua censura interna, uma censura tão eficiente ou mais do que a do Palácio Fóz. Não será, jornalisticamente, um crime imperdoável, para um jornal português, publique-se ele onde se publique, omitir voluntariamente a notícia da criação do Movimento Nacional de Resistência, grande organização recentemente fundada, verdadeiro "maquis" que agrupa homens de todas as tendências, da extrema direita

Foram a Portugal e não perderam o lugar. O lugar rico que acabam de conquistar no seio da colônia. E já voltaram os lusos comendadores que o Dr. Salazar tem prodigamente explorado e amaciado com comendas, ao decorrer da sua longa carreira de ditador. Assistiram à "posse" do almirante Tomaz que, escolhido pelo ex-semarinista de Santa Comba, sob o beneplácido da sua eficiente policia politica, vai "presidir" por sete anos aos destinos da República Portuguesa. Deram certamente alguns passeios pelo triângulo turístico Lisboa-Cascais-Sintra, banquetearam-se, ouviram e fizeram discursos, regressaram babosos, felizes. Como se a indignidade fosse incompatível com a felicidade!

A viagem seria quase perfeita natural se as ilustres personagens não se tivessem apresentado perante o Sr. Salazar como representantes dos portugueses no Brasil. Confessamos que não sabemos o que têm a ver com tais comendadorias os milhares e milhares de portugueses que oferecem ao Brasil a virilidade do seu esforçado e benéfico trabalho nem tão pouco os escorraçados mais ou menos abertamente por obra e graça da PIDE. Será que a comenda da riqueza confere simultaneamente aos seus possuidores a força da espiritualidade?

Se entre os comendadores portugueses alguns se podem escolher por certas qualidades que realmente possuem, não podemos admitir que entre os viajantes ora chegados se incluam os de boa-fé. Apesar dos milhões anualmente esbanjados pelo Serviço Nacional de Informações para a propaganda do fascismo português em terras estrangeiras, o Mundo está hoje devidamente esclarecido acerca da realidade da casa lusitana. O tempo da ilusão já se foi. A temporada das danças à Antônia Ferro passou à história. As piruetas do coronel Santos Costa que mistura hereticamente convicções monárquico-militaristas e invocações à Senhora de Fátima não convencem ninguém, assim como os arroubos lacrimais de uma Christine Garnier, paga e repaga pelas suas "Férias com Salazar". E se não houvesse tudo isto, que é muito e imenso, mantinha-se viva a lembrança da sangrenta fraude eleitoral de 8 de junho passado.

Pois os lusos comendadores estavam em Lisboa. Almoçaram. Jantaram. Cearam. Passearam. Bem, sempre. A seguir aos escândalos que muito deles têm vivido no Rio foram, capazes, até, de ir à Missa aos Jerónimos e començaram das mãos do cardeal Cerejeira,

à extrema esquerda e que se propõe lutar contra a ditadura por todos os meios ao seu alcance sem efusão de sangue, conforme os termos do manifesto divulgado em Portugal?

Servir abjeta e servilmente o Sr. O. Salazar e o seu regime de opressão é no entanto, o único propósito desses dois semanários que manchem o bom nome português. Recentemente, um deles abordou o problema da liberdade de imprensa, fazendo-se eco de críticas, aliás bem mais vigorosas, publicadas em "O Século" e outros jornais do Continente. A atitude não podia ser mais risível: implorava para os outros uma liberdade a que voluntariamente renuncia!

Jornais como "A Voz de Portugal" e o seu digno emulo que escondem, deliberadamente, aos seus leitores o conhecimento da verdade para servirem interesses inconfessáveis são nódoas repugnantes no mundo da imprensa. O Sr. O. Salazar não é eterno e a História ensina-nos que todas as ditaduras têm um fim. Nesse dia entre todos desejado que Portugal recupere a sua dignidade de Nação livre "A Voz de Portugal" e "O Mundo Português" serão, estamos certos, os primeiros a negar-se e a cobrir de elogios hipócritas os libertadores da Pátria.

Todos os jornalistas portugueses do Brasil que durante anos viveram com noose e angustia a batalha dramática do quotidiano nas redações dos jornais amordaçados de Lisboa e Porto só podem experimentar desprezo por esses dois semanários e por todos os pseudo-jornalistas que se prontificam a servi-lo. Esse é precisamente o meu caso, desprezo é o que sinto pela "Voz de Portugal" e por "O Mundo Português".

Miguel Urbano Rodrigues
("Anhembi", Set. 58)

A Revista "Anhembi" e os comendadores de Salazar

Trocaram muitas impressões e receberam centenas de cumprimentos. O seu gesto foi de heroicidade digna de Num'Álvares. Mereciam-nos. Tanto ou tão pouco que o Sr. O. Salazar, além de facilitar a alguns os pingues negócios que andam fazendo entre os dois países, podia tê-los convidado a ficar. Se são cada vez menos e dia a dia mais insignificantes (espiritualmente falando) os defensores do crime...

E evidente que esses pobres caixeiros-viajantes da ditadura salazarista, firmes como rochas nas suas opiniões, escutaram com beatitude a enumeração das faustosas obras do regime — mas não falaram com os camponeses alentejanos que num ato de desespero e de impotência queimaram as searas, depois de terem sido metralhados pela policia; não visitaram os miseráveis bairros "alfacinhas" ou "tripeiros" onde vivem dezenas de milhares de pessoas na mais desumana das promiscuidades; não discutiram com os operários, trabalhadores rurais, empregados de escritório ou modestos funcionários públicos as razões da sua revolta; não perguntaram às populações de Lisboa, do Porto, de Braga de tantas outras localidades o motivo por que foram baleadas quando se preparavam para votar pela Democracia; não interrogaram os "leaders" oposicionistas sobre a causa da sua batalha contra Salazar. Não fizeram uma pergunta a ninguém, nem à própria consciência. Os comendadores de Salazar não tinham tempo para tantas interrogações. O objetivo da sua estadia era bem diferente. Com o dinheiro que ganharam não estão para se preocupar com ninharias. O seu destino é o turismo. Turismo farto e servil.

A sua longa permanência neste Brasil que lhes proporcionou a fortuna e que teima em continuar livre e democrático, nada lhes ensinou. "Burro velho"... Mas nem por isso deixa de ser eloquentemente significativo que defendam como boa uma doutrina que os seus filhos recusam. Tudo por uma comenda. Apenas uma comenda, nada mais... Getúlio ao menos pagava melhor o preço da indignidade...

("Anhembi", Set. 58)

DEMOCRACIA ESPANOLA

Leia "Democracia Española", órgão dos anti-franquistas do Brasil. Na hora que se aproxima, os democratas portugueses e espanhóis devem estar unidos para bem de ambas as Pátrias.

continuação da 1.ª pag.

tam a que o povo continue contra o regime totalitário sempre a rebelar-se.

Existe entre nós outros aquela ordem semelhante à "paz em Varsóvia" onde os Czares cavaram os alicerces do comunismo.

Mas há mais e pior, e que vós, pela ação ocultadora e inquisitorial da censura ignorai: nas grandes colônias africanas e nas combinações internacionais planeja-se o esfacelamento de todo o território que podia e devia constituir a "Comunidade de Nações Portuguesas".

Exploradas pela Metrópole como fonte de receita para manter em pé de guerra grandes contingentes de tropas e uma policia basta como mósca, dando cobertura a escandalosas negociatas para os magnatas do Comércio da Indústria e a dinastia dos afilhados de Salazar centuplicaram suas fortunas e ostentaram vida nababesca, não acumulando no seio da população indígena e colonização o germe de uma independência e separação total, que há-de dentro em pouco colocar quanto possuimos no Ultramar sob a zona das Grandes Potências.

Invoco o vosso patriotismo sincero e previno a boa-fé com que lealmente servís uma causa que vos desonrará se não tiverdes o instinto de defesa para vos unirdes num movimento que, além de fundar os vexames e provações sofridas na vossa dignidade de homens livres, consiga terminar o poder absoluto dum homem ultrapassado, messiânico, fanático, obsecado pelo mando durante mais de trinta anos e que desgraçou, perverteu o caráter de tanta gente cuja tradição secular foi sempre a ânsia de liberdade e independência.

E' um velho militar, que já não se importa dos louvores que recebe e é indiferente aos nomes feios do vocabulário do Governo para os que apontam seus crimes, já sem temor dessa justiça imanente que a todos julgará sem apelo nem agravo, quem vos pede um momento de reflexão pelo vosso próximo futuro e pelo futuro de vossos filhos. Eu, como os meus antigos camaradas, bem poucos ainda vivos, já não preciso, nem de honras, nem de proveitos, e quanto ao mito do medo das responsabilidades que a ditadura criou para frustrar a inquietação que alvoroça as massas jungladas à canga do carro, desse tirano endeusado pelos falsos clérigos, apenas posso recordar a fé cristã do frade septuagenário: — "Medo, agora, só das contas que hei de dar a Deus".

Vós podeis libertar-vos do mal que nos afflige, indo, sem tumulto nem revolta, à presença do Presidente nomeado por Salazar e intimado a fazer aquilo que o pobre e triste Craveiro não teve a coragem cívica e dignidade de General para fazer: — nomear um governo militar que logo marque eleições livres e honestas, prendendo sem fiança e desde já aqueles presidentes das assembleias que na última eleição roubaram os votos de Humberto Delgado.

A Pátria vos ficará reconhecida e o Exército será prestigiado por todos os portugueses.

Ou preferis que uma guerra civil regue essa linda terra com o sangue generoso de seus filhos, e a turba enfurecida, sedenta de vingança, massacre aqueles que defenderam, prestigiaram, sustentaram e guardaram da justiça os seus impiedosos algozes?

São Paulo, e dia da Senhora das Vitórias, no ano de 1958.

"Vai mal a coisa em Portugal..."

O jornal paulista "Shopping News", cujas características explicam exuberantemente a ausência de qualquer parcialismo quanto à situação politica portuguesa, inseriu em sua edição de 24 de Agosto, subordinado ao título que encima estas palavras, um curto comentário que, por si só, explica muitas coisas... A Verdade sobre o regime salazarista aparece hoje, sem quaisquer sofismas, em todos os jornais do Brasil, exceptuando, é evidente, aqueles que, directa ou indirectamente, (isto é, em papelmoeda ou através das passeatas e prendas oferecidas aos seus orientadores) receberam, recebem ainda ou esperam vir a receber as benesses e as comendas do facismo lusitano.

De mortuis... Contando coisas...

Por Victor da Cunha Rêgo

Santos Costa e Trigo de Negreiros excluídos do governo português?

Na cena política nacional desenhavam, de há muito o "tandem" do poder. Segundo tudo parecia indicar, um deles possibia o exército e o outro mandava na policia.

Estamos a vê-los. Santos Costa, o homem do cabelo cortado à alemã, baixo, atarracado, de fato negro listado. Era o seu costume obrigar, sistematicamente, os oficiais a repetidos juramentos de fidelidade. Falava com ênfase provinciano e escrevia com ausência de gramática. Dava murros na mesa e entediava aqueles que ouviam, por habito, o Jornal Sonoro transmitido pela Emissora Nacional. Estamos a ouvi-lo como se neste momento estivessemos em Lisboa. A. E. N. transmitia sempre muitas cerimoniaes militares. Não sabemos se ainda agora faz o mesmo.

Santos Costa racionava as balas. Demitia, julgava e transferia os subordinados a seu bel prazer. Lembramo-nos, muito bem, de um discurso que proferiu por ocasião do desceramento de uma placa comemorativa, salvo erro, no quartel de Abrantes. Foi positivo, ignorante, provocador, nessa tarde, como era seu timbre. Ouvimo-lo varias vezes, por gosto estranho, como aquelas pessoas que vão aos espetaculos circenses observar de perto homens de três cabeças e os anões disformes. Escutavamo-lo, como se toma conhecimento de uma incongruencia, de uma abstração.

Quando ao dr. Negreiros apreciavamos mais vê-lo do que escutá-lo. Aliás era mais facil. Sempre que Salazar fazia a única surtida que se podia prever, para votar no Liceu de Pedro Nunes, o ministro esperava-o à porta. E nós aproveitavamos para ir observá-lo. Além disso o cinema, principalmente durante os documentários patrocinados pelo SNI, prodigos em inaugurações de asilos e promoções festivas de funcionários públicos, projetava-lhe amizade a imagem. Um verdadeiro homem de fato cinzento, o dr. Negreiros. Andava quase sempre de gravata negra. Talvez gosto, talvez mortes numerosas na família. Um pequeno bigode grisalho amantava-lhe a face. Apenas os olhos negros e profundamente cavados nas orbitas denunciavam nele o homem politico, o homem da Policia.

Alguns amigos nossos conheciam-no de perto. Um deles contou-me, um dia, uma conversa do dr. Negreiros, em que este terminara por afirmar: "Vocês (o meu amigo não era situacionista) nem sabem conspirar". E era verdade. Eles (nós) nem sabem (sabemos) conspirar. Tudo tem sido descoberto, cedo ou tarde, por ele, dr. Negreiros. As nossas manobras têm sido simples, lineares, sem grande consistência conspiratória. Manobras ingenuas, por vezes, comandadas quase sempre pelo coração, pela pele, pelo sangue. As dele, não. Pelo contrário eram manobras diretamente ligadas ao cérebro, ao carater, à Policia. Muito mais fortes, portanto. Muito mais eficazes.

Eis que, agora, esses dois homens caem. Com um estrepito que abalou o mundo português, esses alvos legítimos dos odios de pais, irmãos e filhos do povo lusitano, foram afastados, cuspidos, postos à margem. Por quem? Pelo dr. Salazar. Porquê? Sim, mas porquê? Que razão levou o dr. Salazar a renegar homens a quem devia mais do que a si próprio?

Noticias que nos chegam dão a entender que o doutor teria cedido a imposições do exército. Este último, profundamente descontente com as prepotencias do coronel (que não distinguia entre homens do regime e da opposição, que não distinguia entre, por exemplo, o gen. Craveiro Lopes e o "presidente" Humberto Delgado) e menosprezando o que o sr. Negreiros encarnava (uma Policia cada vez mais importante), tê-lo-iam pressionado violentamente.

Não discutimos. Mas de qualquer forma o sintoma é de inegável valor num aspecto: o barco perde ratos. O naufragio total aproxima-se.

Resta saber se os ratos que agora se lançam ao mar (e aqueles que são lançados mesmo sem o quererem), poderão encontrar uma tábua de salvação.

Se contam conosco estão enganados. Sempre odiámos os ratos e pugnámos inúmeras vezes pelo seu exterminio como uma medida altamente benéfica e indispensável à profilaxia social. Só podemos, assim, aplaudir o seu destino trágico já que não é provável que algum deles passe ao alcance de um pontapé que tornariamos, se tal acontecesse, propositalmente exterminador.

Crueldade? Talvez. No fundo são animais e a religião católica (aquela que nos ensinaram em pequeno) manda-nos amar os animais. Mas também, diga-se a verdade já não acreditamos nela. Deixamo-la, há muito tempo até para homens de carater rígido e inflexível como o do dr. Salazar. Portanto éle reze. Por si e pelos seus.

O maior lider sindical do Brasil toma posição contra Salazar

Desde que caiu o pano sobre a última farsa eleitoral montada pelo sr. Salazar, têm sido numerosas as tomadas de posição de altas personalidades brasileiras contra a ditadura do Estado Novo. Parlamentares, escritores, jornalistas, têm erguido as suas vozes para condenar o regime de opressão e terror que se mantém há 32 anos em Portugal. Tantas e tão expressivas manifestações de solidariedade, são para os democratas portugueses particularmente sensibilizadoras e contribuem de modo decisivo para o esclarecimento da opinião mundial. Entre todas essas tomadas de posição, destaca-se, pelo seu significado, uma, destinada a encontrar um eco profundo entre a massa da população portuguesa. Trata-se da mensagem enviada ao embaixador no Rio do Estado Corporativo Português pelos srs. Salvador Romano Lossaco e José Ayres, respectivamente presidente e primeiro secretário da Federação dos Empregados em Estabelecimentos Bancários dos Estados de São Paulo e do Paraná. O officio em questão, que foi publicado nas colunas do "Estado de S. Paulo", é do seguinte teor: "Tendo em vista as reiteradas denúncias que vêm sendo feitas através da imprensa brasileira e por intelectuais e líderes políticos portugueses aqui exilados, quanto ao cerceamento das Liberdades do Homem na nobre nação lusitana, tomamos a liberdade de dirigir-lhes a v. exa. para deplorar o fato de que tenhamos de ver Portugal incluído

entre aquelas poucas nações onde as liberdades democraticas não encontram acolhida. A vigencia, presentemente, na patria de v. exa., de censura à imprensa, ao rádio, às comunicações postais e telegraficas, e o cerceamento do direito de reunião e de livre associação colocam o Portugal de nossos avós, ao qual estamos tão ligados pela História e pelo sangue e do qual nos orgulhamos de herdar as nossas melhores qualidades, num conceito desfavorável entre as nações civilizadas. A v. exa., pois, sr. embaixador, apelamos para que, usando de sua influencia junto ao governo de Portugal, contribua no sentido da reintegração do povo português em seus direitos inalienáveis, consubstanciados na Carta das Nações Unidas. Nessa expectativa, servimo-nos do ensejo para apresentar a v. exa., as nossas respeitadas saudações."

Não se trata, como se verifica, de um acontecimento banal. Salvador Lossaco — eleito o Homem do Ano no concurso promovido pelo diário "Ultima Hora" — na sua qualidade de Presidente do Pacto de Unidade Intersindical, é o porta-voz incontestado de 600 000 operarios do maior parque industrial da America Latina. Chega-nos, aliás, a noticia de que milhares de prospectos dactilografados com o texto da mensagem circulam já nos campos e nas cidades de Portugal. Aqui fica a transcrição como prova do nosso comovido reconhecimento por tão alto serviço prestado à causa de Portugal.

Da proibição de se publicar nos jornais as fotos da multidão no Porto — A "Mocidade Portuguesa", entidade apolítica? E então por quê o "S"? — Onde a voz do povo substitui a imprensa — Discursos copiados à mão, versinhos, anedotas, panfletos — O movimento subterrâneo.

Por Regina Helena de Paiva Ramos

Neste mês e meio, desde o dia em que voltei de Portugal até hoje, tenho tido inúmeras discussões com pessoas da situação portuguesa. Graças a Deus, discussões amigáveis. Mas quasi sempre inúteis e improficuas.

As coisas que eu vi, as coisas que senti, as coisas que observei, foram mais do que suficientes para firmarem a minha opinião a respeito do regime salazarista. Agora, aqui, quando conto o que vi e expressei a minha opinião, são raras as pessoas reconhecendo a situação que procuram contradizer-me com argumentos. Tive apenas duas ou três conversas sobre o assunto politico português que realmente se puderam chamar troca de ideias. Nesses dois ou três casos as pessoas em questão, embora situacionistas, frizo mais uma vez, concordaram que nem tudo anda certo por lá.

Em todos os outros casos, porém, as discussões foram absolutamente inúteis. Houve um amigo meu que ia duvidando da autenticidade das fotografias batidas por mim diante da estação de São Bento, no dia da chegada do General Delgado ao Porto. Não fosse outro amigo presente chamar a atenção do primeiro: "Como? Então você está chamando a Regina de mentirosa?", e ele continuaria insistindo em que as fotos eram falsas.

Uma pergunta, porém, para a qual até hoje os situacionistas não me deram resposta foi esta: por que a censura proibiu que os jornais publicassem, no dia imediato e nos outros a seguir, as fotos do dia da chegada do General? E — note-se! — estava-se em período de propaganda, durante o qual, dizem, é levantada a censura nos jornais. Pois apesar de se estar no dito período, nenhum jornal teve licença para publicar as tais fotografias. Aliás, no dia seguinte da chegada, dia também da sessão no Coliseu, e início dos atropelos e correrias que se estenderam durante quasi dois meses, no dia seguinte, eu dizia, os jornais saíram já manhã alta, por que os censores trabalharam a noite toda, preocupados que pudessem escapar alguma coisa. Quanto a fotografias, nada. Absolutamente nada.

Soubes disso logo no dia seguinte, por um jornalista do Porto. O fato foi longamente comentado durante muitos dias, e o proprio General Delgado tocou no assunto, no seu discurso no Liceu Cmões, em Lisboa, discurso que a censura também não permitiu ser publicado. Dizia ele: "Os jornais receberam ordens para não publicarem fotografias e aspectos da multidão do Porto, à minha chegada. Eu convidei o sr. Presidente do Conselho, o Ministro da Presidencia, e o Ministro do Interior a negarem em nota oficial, que a imprensa foi proibida de apresentar fotografias referentes à multidão que me apoiou! Sim, se mintu, que se diga!"

Muito bem: aos que dizem que em Portugal há plena liberdade e que ninguém é perseguido, e que as eleições foram cem por cento honestas, e que os candidatos da Oposição podem fazer livremente a sua propaganda e a sua campanha, eu pergunto: por que foram os jornais proibidos de publicarem as fotografias da multidão do Porto, à espera do General Delgado? Sim, por quê? (Entre parentesis: dizer apenas que isso não foi verdade é absolutamente inútil...)

Outro dia, também, durante uma discussão, tocando-se na "Mocidade Portuguesa", um situacionista: "A "M. P." é uma entidade apolítica". Como dissemos que era politica, ele argumentou: "É a politica. Pois se até consta dos estatutos..."

Argumento fraquissimo! Constar dos estatutos não duvidu que conste, embora eu nunca os tenha visto. O que eu sei é que no cinto dos rapazes e moças da "Mocidade Portuguesa" há um "S" que os marca. Não venha agora dizer que "S" pode significar também Souza, ou Sebastião, ou Silveira, ou Sam-

paio, ou Santos, ou... Saúde. "S" no cinto do uniforme da "M. P." quer dizer mesmo é Salazar, indicado que os que o usam, embora conste dos estatutos ser a entidade "apolítica", tomam, ostensivamente, um partido: o da Situação. E além do mais, se se trata de uma entidade apolítica, por que a célebre saudação: "Quem vive? Portugal! Portugal! Quem manda? Salazar! Salazar!" Numa entidade apolítica seria absolutamente desnecessário gritar "Salazar! Salazar!" "Não lhes parece? Ou estou raciocinando errado? Não tenho dúvida nenhuma de que meus amigos situacionistas sejam dessa opinião. Isto é, que eu raciocino errado, neste e noutros casos. Aliás, raciocinar certo é privilegio deles.

Agora imaginem isto: se se formasse cá uma "Mocidade Brasileira", e nos obrigassem a andar com as iniciais "J. K." Ou com o "J" de Janio. Quanto a mim, embora simpatizante do sr. Janio Quadro — grande governador! — preferia passar o resto dos meus dias na cadeia, mais isto com "J", nunca! Mudando um pouco de assunto: nos meus meses em Portugal fiquei certa de uma coisa: o melhor jornal, o melhor veiculo de propaganda é a voz do povo, principalmente se esse povo vive num regime forte. Era incrível como se sabia tudo, mesmo quando os jornais não diziam nada. Um boato corria logo a cidade de ponta a ponta. E, por mais incrível que pareça, não era aumentada como costumava acontecer com os boatos nos regimes livres. Trata-se de um fato interessante, digno de estudo. É certo o tanto que diz: "Quem conta um conto aumenta um ponto. É verdade sensação, na centésima vez que é transmitida está muito diferente da primeira vez que foi contada. Isso, pelo menos, era o que eu acreditava, e tinha como certo. Mas acontece que em Portugal, durante o mesmo dia, eu ouvia dez vezes o boato, de dez pessoas diferentes, e sempre o mesmo, sem alteração. Como se explica isso? Creio que poderemos procurar a origem disso na consciencia que o povo tem da sua possibilidade de iludir a censura, da sua responsabilidade de contribuir com uma parcela para a informação geral.

Confesso que ficava admiradissima com isso. Numa manhã, por exemplo, um empregado chegou a casa de meus primos dizendo que ouvira contar que o General Delgado tinha sido preso. Minutos depois chegava um dos meus primos com a noticia que julgava ser uma novidade: "Vocês sabem? O Delgado foi preso. 'Dai a instantes o telefone soava e uma amiga da familia comunicativa: 'O Delgado foi preso'. Não se tinha passado meia hora quando a criada chegou da rua contando que 'estavam falando que o Delgado tinha sido preso'. Logo depois eu telefonava para pessoa conhecida minha, aliás um membro da Comissão de propaganda do General Delgado, e informava-me da verdade: 'Realmente ele estivera preso, em sua propria residencia, durante aquela noite e parte da manhã, concomitantemente, haviam sido fechados os seus serviços de propaganda em Lisboa. Mas a fase aguda do incidente já tinha sido superada'. Como é que em menos de duas horas (pois eram onze da manhã quando começaram a circular os primeiros boatos) a noticia correu da Lisboa ao Porto e toda a cidade ficou sabendo é que não sabia explicar.

O certo é que, fosse verdadeira ou apenas boato, não havia, nunca, mais do que uma versão...

Da mesma forma, panfletos, e versinhos, e quadras humoristicas e anedotas, e mesmo copias manuscritas de discursos do Delgado circulavam insistentemente. Quem não tinha máquina de escrever copiava tudo isso à mão. E tornava a passar adiante o papel do qual tirava uma copia. Tudo isso até comovia. E, como jornalista, como adepta da liberdade de imprensa,

eu não podia deixar de aplaudir esses meios clandestinos de informação, essa forma subterranea, mas licita, de informar.

Não resisto ao desejo de contar aqui algumas anedotas que circulavam na ocasião, algumas engraçadissimas! Durante a chamada "campanha eleitoral" exibia-se em Lisboa a revista "Hollyday on Ice". Perguntava-se então: "Quais os dois maiores espetaculos em Lisboa atualmente?" E respondia-se "O Hollyday on Ice" e o "Oliveira vai-se"...

Circulavam, anônimos, uns versos muito engraçados. Este, por exemplo:

"Pela lei da gravidade que tudo cai é verdade Cai a moesa no vinagre Cai a sopinha no mel Cai o pincel no almagre Cai o Borrão no papel E há-de cair de podre Para bem de Portugal O maldito, infecto ôdre da União Nacional."

Outra piada muito divertida fazia-se com uma moeda de XX CENTAVOS. Com letras da palavra "centavos", ia-se dizendo "Como Esta Nação Tem Andado Vigarizaga Oliveira Salazar!" Depois, apontando os XX, dizia-se "Chi!..." "Virava-se a moeda, apontava-se a outra face, onde existe a Cruz e terminava-se: "Senão quinas-te..."

Outros versos engraçados:

"O presidente Craveiro Não é lacaio do Costa. Por isso o Costa não gosta E quer outro no poleiro..."

Aliás, esta quadra está fóra de moda, uma vez que quem perdeu o poleiro, agora, foi o proprio Santos Costa.

Mas ainda há outro, dos muitos que compilei:

"A União Nacional Quer presidente um Tomaz. João? Tomaz? Tanto faz Desde que risonho e lesto Sempre faça o mesmo gesto, Molesto De concordar Com o que o PATRÃO mandar..."

E assim, de boato em boato, de panfleto em panfleto, de anedota anedota, de versinho em versinho, continua o grande movimento subterrâneo que a ditadura portuguesa tenta, mas não consegue abafar. Vamos ver até quando.

O "caso da Caritas"

Ao abrigo de um "revisonismo" cujo condicionalismo é evidente e cujas finalidades ocultas são do conhecimento geral, o "Diário Popular", de Lisboa, tem feito continuas referencias a um caso que em pouco tempo adquiriu repercursão na opinião pública portuguesa: "caso da Caritas"

Na realidade esta instituição, de carater beneficente, cuja propaganda ultrapassou as fronteiras do país, recolhia enormes donativos, em especial enviados da America do Norte, expressos em gêneros alimenticios e roupas, de que fazia depois entrega a diversos membros do clero português, segundo indicação do respectivo Patriarcado. Descobriu-se agora (são todos os dias citados casos no referido órgão de imprensa) que os padres vendiam esses generos aos pobres, em nome dos quais se fazia a campanha de angariamento, como dissemos, tanto em Portugal como no estrangeiro.

Porque, o clero português não hesitou em assumir uma clara posição, na recente campanha eleitoral, integrando-se assim no campo da politica partidaria, PORTUGAL DEMOCRATICO, considera oportuno dar publicidade a este acontecimento, lamentavel sob todos os pontos de vista.